ALCIBIADES DELAMARE

...NA VOZ DA HISTORIA!

2ª EDIÇÃO

LIVRARIA CLASSICA BRASILEIRA
RIO DE JANEIRO

DIGITALIZADO
PELA
BIBLIOTECA
NACIONALISTA

BIBLIOTECA
NACIONALISTA
bibliotecanacionalista1.blogspot.com
bit.ly/bibliotecanacionalista (drive)

A

MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT,

exímia cultora da História Brasileira

oferece

O AUTOR.

À GUISA DE PREFÁCIO

Autor de vinte livros, — quinze já publicados, cinco em via de publicação, — conquistou, sem dúvida, Alcibiades Delamare mui honroso destaque entre os escritores nacionais.

Comprovou-o o fato de que, candidato à Academia de Letras, mereceu considerável número de significativos sufrágios, como, declaradamente, o de Carlos de Laet.

Se insistir, a exemplo do que na Academia Francesa têm feito verdadeiras sumidades, só eleitas depois de repetidas tentativas, há de ser acolhido no grêmio que, digam o que disserem, é um fastígio acessível apenas a lídimos serviços e valores.

Consagração, aliás, tem-na êle conseguido nos trabalhos editados, aplaudidos todos pelos competentes, — trabalhos de ordem política, social, histórica, religiosa, — reveladores de lúcida intelência, saber variado e seguro, eloqüência, correção e elegância no dizer.

Eloqüência, sobretudo, porque Alcibiades Delamare possui dotes de emérito orador, — porte, voz, fluência, vibração, ardor comunicativo — que suscitam aclamações de quaisquer auditórios, encantados sempre pela sua palavra.

Essa eloqüência, como tôda genuína eloqüência, procede mais de outras qualidades, do que das, entretanto, raras e notáveis, assinaladas.

Constituem-na principalmente a sinceridade das convicções, o culto da verdade, o desassombro das atitudes,

À GUISA DE PREFÁCIO

Autor de vinte livros, — quinze já publicados, cinco em via de publicação, — conquistou, sem dúvida, Alcibiades Delamare mui honroso destaque entre os escritores nacionais.

Comprovou-o o fato de que, candidato à Academia de Letras, mereceu considerável número de significativos sufrágios, como, declaradamente, o de Carlos de Laet.

Se insistir, a exemplo do que na Academia Francesa têm feito verdadeiras sumidades, só eleitas depois de repetidas tentativas, há de ser acolhido no grêmio que, digam o que disserem, é um fastígio acessível apenas a lídimos serviços e valores.

Consagração, aliás, tem-na êle conseguido nos trabalhos editados, aplaudidos todos pelos competentes, — trabalhos de ordem política, social, histórica, religiosa, — reveladores de lúcida intelência, saber variado e seguro, eloqüência, correção e elegância no dizer.

Eloqüência, sobretudo, porque Alcibiades Delamare possui dotes de emérito orador, — porte, voz, fluência, vibração, ardor comunicativo — que suscitam aclamações de quaisquer auditórios, encantados sempre pela sua palavra.

Essa eloqüência, como tôda genuína eloqüência, procede mais de outras qualidades, do que das, entretanto, raras e notáveis, assinaladas.

Constituem-na principalmente a sinceridade das convicções, o culto da verdade, o desassombro das atitudes,

a independência do proceder, a retidão de propósitos, a coragem da serena e sobranceira despreocupação de conseqüências perigosas.

Nacionalista e católico-apostólico romano, é combatente, propagandista, evangelisador das suas arraigadas crenças, de uma pugnacidade impetuosa na investida, pertinaz e imperterrita na defesa, fértil de recursos, engenhosa nos métodos de atuação, constantemente leal e cavalheirosa nos menores gestos.

Espírito de iniciativa e de arrojo, inquebrantável ante os óbices, sem jamais descrer do seu ideal, confiança absoluta no prevalecimento final do bem, do belo e do justo, bravura cívica, superioridade moral, em suma, eis o que o peculiariza na triste época da qual disse um pensador : a sua maior doença está na covardia : ninguém tem a coragem de desfraldar a sua bandeira, de proclamar, de afirmar em voz alta o que acredita ser o acertado, e pôr os seus atos de acôrdo com as suas idéias e sentimentos sinceros.

Êle, não. Desdobra galhardamente o seu pendão de guerra, disposto a bater-se em todo terreno digno, a sacrificar-se até, se fôr necessário.

Fulgem nêle o sagrado entusiasmo, a capacidade de devotamento e de abnegação, o desdém do respeito humano e dos interesses rasteiros, o que, em grau sublime, faz os heróis e os santos.

In excelsis deve ser a divisa da sua atividade, inspirada, movida pelos dois grandes cultos : a Religião e a Pátria.

Intitula-se seu último volume... **"na voz da História"**, — e se ocupa de assuntos de grande interêsse para o patriotismo brasileiro, quais os atinentes à guerra com o Paraguai ou melhor, com o causador único dessa calamidade, o tirano Francisco Solano López

Verifica-se da copiosa bibliografia sôbre a matéria, cuja lista se encontra no livro, que o autor se empenhou

em informar-se e documentar-se tanto quanto possível, de modo a formular conclusões conscienciosas, senão definitivas.

Quem subscreve as presentes linhas confessa a sua grande simpatia e admiração pelo povo paraguaio.

Mais de uma vez se tem manifestado partidário da aspiração de muitos brasileiros para que se confirmem os nossos gerais sentimentos de fraternidade para com êle, cancelando-se a dívida de guerra e restituindo-se-lhe quaisquer lembranças materiais do velho conflito.

Em todos os lances de sua vida social, — afirmamo-lo — tem dado o povo paraguaio irrecusáveis testemunhos de que possui nobres qualidades.

Sob o domínio colonial, sob o dos jesuitas, sob o dos ditadores que duramente o governaram, por mais de meio século, durante a terrível campanha de um qüinqüênio, após esta e até agora, sempre a população ali se mostrou dócil, paciente, devotada aos chefes, resistente, denodada até ao heroísmo, de índole visceralmente boa, com facilidade aperfeiçoável.

A gente catequisada pelos jesuitas atingiu, segundo opiniões insuspeitas, um grau de civilização ao que então existia no resto do novo hemisfério: obedecia-se à lei; reinava exata polícia; os costumes eram puros; ditosa fraternidade unia os corações.

Foram das mais gloriosas emprêsas apostólicas da Companhia de Jesus as suas missões no Paraguai, missões cujos resultados, quanto à fé e à piedade dos neófitos, comparáveis aos dos felizes tempos da primitiva Igreja, só se alcançaram porque ótima era a matéria prima, inatas, nos indivíduos sôbre os quais os missionários atuaram, insignes disposições.

Assistem, pois, aos paraguaios sobejas razões para amarem a sua pátria e dela se desvanecerem tão vivamente quanto as mais ilustres nações.

Estamos certos de que não pensa de maneira contrá-

CENTRO CULTURAL
"Prudente de Morais"
PIRACICABA — S.P.

ria Alcibiades Delamare, de quem a generosidade é predicado preponderante.

Entende, porém, que o jugo de Solano López introduziu funesta página, negra e sangrenta, nos fastos do seu país e que a figura dêle, sobretudo nos derradeiros tempos de predomínio, se assemelha à das piores aberrações morais que infelizmente têm desonrado o govêrno dos povos, tremendamente castigados por se lhes haverem submetido.

Da mesma forma, aliás, se pronunciaram e, ainda hoje, se pronunciam paraguaios eminentes e de indubitável patriotismo.

AFFONSO CELSO

Francisco Solano López

O erudito historiador Arturo Ribaudi, falecido em 1926, — autor dos magníficos trabalhos *"Guerra del Paraguay"*, *"La conspiración contra S. Ex. el Presidente de la Republica"*, *"Señor Mariscal Don Francisco Solano López"*, *"El Lopizmo"* e outros de subito valor, — traça, na excelente monografia *"Un tirano de Sudamérica"* (1925), o perfil do *"despota sanguinário e sensual"* que, durante anos trágicos, enxovalhou, humilhou e degradou a república guaraní, exercendo contra um povo indefeso e inerme o mais execrando dos despotismos, de que há lembrança no continente americano.

O juízo sereno e imparcial do escritor paraguaio coincide, em tôda a linha e sob todos os aspectos, com as expressões candentes do respeitabilíssimo homem de Estado, jurisconsulto, diplomata, parlamentar e político Dr. Cecílio Báez, exaradas no seu consciencioso estudo histórico — *"La tirania en el Paraguay"*. (1903).

Por mais que se tenha esforçado o nosso gratuito detrator Sr. Juan E. O'Leary em exaltar, engrandecer e quase canonizar a personalidade treda e horripilante de López, atingindo nesse particular a sua tendência antibrasileira às raias do delírio rabico, principalmente nos volumes de sua autoria *"Nuestra Epopeya"*, *"El*

Libro de los Héroes" e "*La Guerra de la Triplice Alianza*"; baldado o empenho herculeo dos corifeus obstinados do *lópezguaysmo* em transformar a memória do "*algóz e assassino da sua própria pátria*" em nome tutelar de um povo oprimido; apesar da habilidade discreta do Coronel Juan Crisóstomo Centurion em contornar dificuldades para redimir, nos exaustivos quatro tomos das "*Memorias ó sea Reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay*", muitos dos erros políticos e militares, dos crimes sociais, dos atentados contra as leis humanas perpetrados pelo verdugo sem coração e sem consciência, que excedeu em selvageria e culminou em perversidade os seus dignos emulos Rosas e Francia; não obstante a campanha minaz e tendenciosa dos historiadores platinos, à frente dos quais se postaram, vanguardeiros destemidos, o amabilíssimo Sr. Alberto Palomeque, o rancoroso Sr. Luís Alberto Herrera e o bravo Tenente-Coronel D. Juan Beverina, em diminuir a glória do Império, apoucar a personalidade de Pedro II, reduzir de vulto e valor a capacidade técnica e a coragem militar dos nossos maiores cabos de guerra, obscurecer e empanar o brilho da atuação ponderada e clarividente dos nossos estadistas e diplomatas para assim diretamente realçar o tributo argentino e indiretamente imortalizar a resistência paraguai, — a figura de Francisco Solano López gizada pelos seus patrícios, perpetuada nas páginas insuspeitas dos historiadores paraguaios, é sempre aquela que transparece e reluz nos escritos dos Srs. Manuel Gondra, Manuel Dominguez, Belisario Rivarola, Juansilvano Godoy, José

S. Decoud, Héctor F. Decoud, Natalício González e outros, — isto é, — do homem de instintos bárbaros, apetites desordenados, paixões eróticas, habituado a praticar tôdas as vilanias e baixezas, a sancionar todos os crimes e prevaricações, a ratificar tôdas as misérias e opróbios, desde que se lhe afigurasse necessário satisfazer aos imperativos mórbidos da vaidade, do egoísmo, da concupiscência, da obcessão.

Para demonstrar essa verdade, não preciso ir buscar e rebuscar subsídios em outra fonte que não seja a própria história paraguaia.

Nesse manancial opulento, pode-se haurir a água cristalina, saborosa e fresca para estancar a sêde da curiosidade leiga... Ou para aplacar o calor senegalesco, que abafa, que sufoca e oprime o peito dos nossos antagonistas encapotados. E mesmo do quixotismo de lança em riste!...

* * *

Manuel Pedro Peña pertenceu à estirpe do tirano paraguaio. O seu testemunho é, pois, insuspeitíssimo.

Pessoa da família de López II, conheceu-o de perto, observou-lhe longamente os hábitos, conviveu anos a fio na sua intimidade.

A sua opinião deve ser considerada imparcial e acima da eiva de qualquer dúvida.

Pois ouçamo-lo então : — *"Voltaste da Europa pior do que dantes, ignorante como sempre e relaxado mais do que nunca; trouxeste de lá, como tua amasia, uma*

inglêsa célebre pelos seus feitos e obrigaste o povo a adorá-la, enquanto escandalosamente vivias em sua companhia."

Referindo-se ao caráter e ao temperamento do despota, Peña atira-lhe à reputação esta objurgatoria tremenda: — *"Só te ocupas em queimar incenso a Cupido e em honra dêle feres de morte as famílias paraguaias; na Europa só te aperfeiçoaste na corrupção e aprendeste todos os vícios; nunca te ocupaste com as coisas boas; a tentação introduziu-se no teu espírito, no teu coração e nos teus sentidos; por isso mergulhaste no seio de todos os vícios, cometeste tôdas as iniquidades e acabarás produzindo a morte do Paraguai; se pensares um momento terás que dizer: — "Sou o opróbio de minha Pátria, a afronta de minha família, o escândalo de minha nação." Como homem desonesto e volutuoso sempre te mostraste surdo aos gritos da razão; tudo depreciaste e tudo esqueceste; até te olvidaste de ti mesmo; tudo quanto em cima de ti vier a cair será o castigo que Deus te mandará como mandou a Gomorra."*

Assim falou um dos membros mais proeminentes da família de Solano López, o próprio tio do tirano...

Se os seus assim o julgavam que haveriam de dizer os estranhos?...

* * *

Um dos sobreviventes da hecatombe paraguaia, numa tela de colorido impressionante, insculpiu o perfil físico e moral do monstro sul-americano nestas palavras

de fogo : — "*López era gordo de corpo, estatura baixa, mas de presença airosa, devendo ter mais ou menos 45 anos de idade. Na Inglaterra passaria por tipo trigueiro, porém era quase da mesma côr que em geral os espanhóis : — cabelos negros, mãos e pés pequenos. Quando alegre, afigurava-se simpático, de maneiras e conversação agradáveis. Quando mal humorado, o aspecto tornava-se sumamente sombrio. Muito esmerado no trato da sua pessoa, amava o luxo militar, sobretudo a escolta presidencial; ao andar, bamboleava os quadris de um modo peculiar; as pernas curtas descreviam uma curva, muito pronunciada; montava bem, tendo sido na mocidade ótimo peão. No seu peito nenhum sentimento amistoso para com o próximo jamais se abrigava. Fizera decapitar a todos os favoritos que, durante largos anos, haviam sido seus companheiros de orgia. Fumava desbragadamente; comia como um verdadeiro glutão. Possuía esplêndida adega, riquíssima em vinhos esquisitos e capitosos, dos quais ninguém se servia à sua mesa, nem mesmo a Lynch e sequer o Bispo; os convivas bebiam quando muito os de categoria inferior... Falava mal o inglês, regularmente o francês e bem melhor o castelhano. Bom orador, possuía aquêle dom da eloqüência propícia a inspirar aos soldados cega confiança no chefe e em si próprios, aumentado por soberano desprêso do inimigo. Por demais exigente no que concernia às deferências pessoais, obrigava a sua progenitora e as suas irmãs a lhe dispensarem o tratamento de "Excelência". Dotado de férrea vontade e desmedido orgulho, quando desejava alcançar certo objetivo, tornava-se*

então suave, cavalheiresco, astuto, capaz até de engôdar os próprios diplomatas... Nunca absolutamente sentiu ou lamentou a morte dos seus melhores oficiais e mais bravos soldados. Monstro humano, nasceu forjado nos mais ferozes instintos sanguinários a julgar pelos fatos, que encerra a sua aterrorizadora história. No período da infância, a sua diversão predileta era arrancar um a um os olhos das avesitas; quando bem humorado, extirpava-lhes as penas; quando mal disposto, extraía-lhes a língua..."

* * *

Êste retrato, encontrei-o no âmago do preciosíssimo volume, publicado em 1926, pela "*Junta Patriótica*" *do Paraguai*, sob o título pomposo e sugestivo de "*El Mariscal Francisco Solano López*".

Se a figura execranda do caricato Napoleão guaraní aí está deformada, se as linhas do caráter até deturpadas, se os estígmas do temperamento mesmo exagerados, a culpa positivamente não é minha. E muito menos dos que combatem, peito a peito, em campo raso, o *lópez-guaysmo* solerte, mendaz e irrequieto, cuja infiltração nos meios intelectuais brasileiros se vai operando de modo subrepticio e lento, é verdade, mas com resultados eficazes e perigosos, que devem ser denunciados, sem rebuços, à opinião pública e, em especial, às autoridades do govêrno, incumbidas de zelar e defender o patrimônio histórico nacional e acautelar das vistas suspeitas o acervo riquíssimo dos nossos arquivos, onde se devem

conservar intactos os documentos comprobatórios do nosso imenso sacrifício e do nosso heroísmo sem par em todo o decurso da Guerra da Tríplice Aliança.

Se a fisionomia do despota erótico e insensível saiu semelhante a de um monstro lendário, a responsabilidade certamente não é dos brasileiros. Cabe tão apenas aos paraguaios. Queixem-se êles dos seus historiadores.

Mas não se esqueçam também dos testemunhos insuspeitos dos contemporâneos, dos depoimentos verazes dos próprios amigos, das confissões pasmosas dos parentes mais chegados, dos relatos autênticos dos generais da confiança e dos auxiliares diretos "*do bárbaro e sanguinário assassino do seu Povo e da sua Pátria*", na frase expressiva do eminente Dr. Cecílio Báez, atual reitor da Universidade de Assunção.

Panchita, — "la heroina de su honor"

Um dos episódios impressionantes, ao mesmo tempo que dos mais documentados, na tirania de Francisco Solano López, no Paraguai, é o martírio de Pancha Garmendia, cuja história dolorosa o ilustre publicista Dr. Cecílio Báez relata no seu magnífico trabalho "*La heroina de su honor*" e cujo perfil o Padre Fidel Maíz giza numa carta célebre, que dirigiu, a 7 de setembro de 1907, do seu retiro de Arroyos y Esteros, ao Sr. M. Pérez Martínez.

Postos à margem todos os crimes e esquecidas tôdas as atrocidades que a mando direto ou sob a responsabilidade imediata do desposta se consumaram no Paraguai, durante o tempo nefasto e ominoso do seu poderio, só a tragédia horripilante de Arroyo — Gauzú seria suficiente para imortalizar um indivíduo na galeria execranda dos maiores verdugos da humanidade e dos mais sanguinários carrascos da sua pátria e dos seus concidadãos.

Por isso, bem razão teve o brilhante escritor e estadista paraguaio Dr. Belisario Rivarola, ex-Ministro do Interior, da Justiça e da Instrução Pública em vários governos do seu país, antigo presidente do Senado e diplomata de grande relêvo na política internacional do

Continente, quando, bosquejando a fisionomia moral de Solano López, lavrou, nas colunas de "*El Liberal*", esta sentença definitiva : — "*o marechal foi um monstro de perversidade e covardia*".

A opinião de Rivarola teve para secundá-la a palavra serena e prestigiosa de um dos mais conspícuos vultos contemporâneos do Paraguai, o Dr. Cecílio Báez, publicista notável, jurisconsulto de renome, professor de direito, ex-presidente da República, várias vêzes Ministro de Estado, diplomata, historiador, sociólogo e atual reitor da Universidade Nacional.

Neste período conciso, singelo, fulminante, inscrito numa página lapidar do seu "*Guerra del Paraguay*", o Dr. Báez, profere o julgamento merecido do desposta : — "*o marechal figura na história como governante insensato, general inepto e tirano monstruoso*".

Não foi por outros motivos que a "*Junta Patriótica*" de Assunção, querendo refrear os ímpetos espectaculosos do *lópezguaysmo desenfreado*, deu à publicidade, em 1926, o sensacionalíssimo volume intitulado "*El Mariscal Francisco Solano López*", em cujo primeiro capítulo esclareceu a razão de ser da oportuna coletânea e o sentir dos homens de maior responsabilidade na vida atual do Paraguai : "*o persistente empenho de transfigurar um tirano sombrio com o intuito de deturpá-lo e absolvê-lo dos seus crimes e crueldades, das suas vaidades e ambições, dos seus instintos sanguinários e da sua obtusa mentalidade, para revesti-lo com as glórias e os heroísmos usurpados a seu povo, é na realidade um delito histórico tão grave e releva uma perturbação tão*

funesta como podem sê-lo a usurpação e o despojo convertidos em normas da vida social".

Por tenazes esforços que façam os chefes graduados do *lópezguaysmo*, impossível lhes será jamais provar que López II foi o santo que os seus apologistas em vão têm tentado elevar ao altar da pátria, apresentando-o como modêlo de estadista esclarecido, figura extraordinária de guerreiro medieval, super-homem de gênio e vontade, tipo culminante e providencial de uma época histórica.

Debalde tôdas as tentativas nesse sentido...

Basta evocar a lembrança dos célebres *"tribunales de sangre"*, por êle instituídos a fim de julgar sumàriamente e sem forma processual nenhuma condenar os seus desafetos, os próprios parentes, os amigos decaídos da sua graça, os infelizes que se tornaram suspeitos à sua confiança claudicante, para ruir por terra, esboroado e em frangalhos, o castelo de cartas que a corrente *o'learysta* pretendeu erigir sôbre o terreno movediço, inconsistente, alagado das lendas e fantasias, da má fé e mentira, do ódio e falsidade!

Fidel Maíz, sacerdote paraguaio, que foi chefe dos capelães do Exército de Solano López, sobrinho do Bispo Maíz, uma das vítimas do ditador Francia, na sua autobiografia do *"Etapas de mi vida"*, conta pormenores impressionantes dos julgamentos proferidos pelo tribunal de sangue de S. Fernando, do qual fêz parte em companhia do cônego Manuel Nuñes.

A processualística dêsses tribunais vem descrita numa das páginas mais interessantes da obra insuspeitíssima de Jorge Frederico Masterman, — *"Siete años*

en el Paraguay" — traduzida e anotada pelo professor Ubaldo de Dovitiis.

Quem ler, de ânimo desprevenido, as "*tablas de sangre*", contendo os depoimentos das testemunhas ou a narrativa das vítimas dos instintos sanguinários de López II, para logo se convencerá de que o monstro paraguaio "*puede figurar dignamente al lado de Gensis-Kan o Tamerlan, de Tiberio y de Neron, de Atila o de Moloch, en modo alguno pudendo ponerse al lado de los grandes próceres antiguos y modernos, ya se llamen Deucalión o Enéas, Washington o Sarmiento*".

* * *

Uma das vítimas indefesas dêsses tribunais de prepotência e arbitrariedade foi Pancha Garmendia, — heroína da castidade, mártir da pureza, "*honra e gloria de su sexo, la doncella del Paraguay, como Juana de Arco es la doncella de Orleans*".

Filha do comerciante biscainho D. Juan Francisco Garmendia e da senhora paraguaia, D.ª Dolores Duarte, muito jovem ainda ficou órfã.

O pai, atingido pelo ódio de Francia, foi fusilado num domingo ensolarado, depois do desfile solene de uma procissão de Corpus-Christi pelas ruas engalanadas da paróquia de São Roque.

A mãe, colhida pela miséria, pouco tempo subsistiu ao espôso.

Os três filhos do casal, atirados ao abandono, foram caridosamente recolhidos e adotados pela senhora Ma-

nuela Diaz de Bedoya y Barrios, — "*mujer la más hacendosa, la más honrada, la madre más tierna y amorosa, la que ha sostenido uma numerosa familia llena de honradez, de pureza y de decencia*", no conceito de Manuel P. de Peña.

O Padre Fidél Maíz conheceu Pancha Garmendia desde menina, quando "*começara a desabrochar aquela flôr de beleza e virtude*", entre os 13 e 14 anos de idade.

Conta na carta que dirigiu ao Sr. Mariano L. Olleros que a virgem-mártir era "*formosa e garrida, cheia de atrativos físicos e belezas morais, virtuosa e singela, equilibrada e modesta*".

Panchita, como se tornara conhecida na sociedade de Assunção, recebeu educação aprimorada num ambiente de honra e virtude, como era o lar de D. José de Barrios e de sua espôsa Dona Manuela Diaz de Bedoya.

Com os anos tornara-se o encanto de todos quantos a conheciam.

Os filhos das melhores famílias da capital paraguaia pretenderam-lhe a mão de espôsa. A orfã, porém, recusara sistemàticamente as uniões conjugais, mesmo as vantajosas que se lhe ofereceram por mais de uma feita.

À medida que os anos decorriam, Panchita ia aumentando em formosura física e predicados morais.

Mal completara 14 anos de idade, despertara involuntàriamente a paixão sensual dos três filhos de D. Carlos Antonio López : — Francisco Solano, Venancio e Benigno, que procuraram por todos os meios

possíveis e impossíveis conquistá-la, ou seja pela blandicia, ou mesmo pela violência.

Aos quinze anos, "*su belleza fisica habia ultrapassado a todo o ideal que pueda imaginarse la imaginación más fecunda, lo cual le habia valido que toda la juventud nacional y extranjera la proclamaran por la Diosa del Paraguay*".

Por essa época Solano López no apogeu, da fôrça e do poderio, lhe fêz sentir, sem rebuços, as pretensões diabólicas, que secretamente alimentava a seu respeito.

Resultaram, entretanto, improfícuos e vãos todos os planos que arquitetara e urdira para seduzi-la e fasciná-la.

Nem o luxo, nem a riqueza, nem o fausto, — nada a demoveu do propósito firme, soleníssimo, sagrado de conservar-se, até à morte, pura, imaculada, intangível.

Consagrara a virgindade a Deus. Nada a demoveria em contrário.

Baldados os recursos da sedução, Solano resolveu apelar para a violência.

Sem motivo justificável decretou a prisão sumária e o destêrro imediato de Juan Francisco, irmão de Panchita, na expectativa louca de que, tangida pelo sentimento fraternal, viesse a virgem a cair súplice aos seus pés, implorando-lhe o perdão e a misericórdia para a vítima da sua prepotência.

Enganou-se redondamente o despota obsecado.

Desvendando todo o mistério daquela prisão, Panchita resolveu comparecer à presença de Solano, mas acompanhada de sua mãe adotiva.

Desde então o tirano se tomou de rancor recondito, profundo, invencível contra aquela donzela, frágil, mas destemerosa, que resistira heròicamente aos seus caprichos eróticos...

O perfil físico de Pancha Garmendia, traçou-o a pena mágica de Cecílio Báez num artigo opulentamente documentado que "*El Combate*" estampou em sua edição de 14 de maio de 1892.

Vale a pena reproduzi-lo na íntegra, no próprio idioma harmonioso e rico, em que foi vasado :

"Panchita era de estatura alta, de talle esbelto y gracioso, cintura redonda y flexible, su cutis de un blanco alabastrino, sus brazos perfectamente contorneados y adornados con graciosos lunares, sus dientes parecian dos lineas de perlas, sus labios de coral y graciosisimos, sus mejillas de color granada, sus ojos azules, rasgados y centelleantes, velados por probladas y crespas pestañas, eran de irresistible mirar; las cejas negras y finas, describian dos perfectos semicirculos, su abundante cabellera ondeada y negra como la endrina, su nariz aguileña, fina y perfilada, pecho y espalda de formas voluptuosas, sus hombros caídos, sus pequeñas y blancas manos, cuyos finos dedos terminaban en punta coronados por cristalinas uñas conservadas esmeradamente limpias y recortadas en forma triangular, estaban en perfecta armonia con sus diminutos y encorvados pies. Al andar daba a su cuerpo un aire marcial y tan especial, que según referian varias otras personas, tenía un modo tan delicado y elegante que parecía pisaba sobre flores. Su metal de voz era argentino y sonoro, su conjunto simpático y

tierno para toda persona que la mirase, y sobre todo era dotada de un fluído irresistible como el imán, para las personas de ambos los sexos.

* * *

Quero ainda invocar o testemunho e a opinião de Fidel Maíz, insuspeitos e fidedignos.

Além de seu contemporâneo, o presbítero paraguaio lhe assistiu, em parte, ao martírio e teve conhecimento pormenorizado dos transes por que passou antes da morte.

É verdade que o Padre Maíz, havendo decaído da graça e da confiança do tirano, permaneceu prêso durante 24 meses, metido a ferros e incomunicável nas masmorras da opressão.

Depois da vitória de Curupayty, obtêve a liberdade, que novamente perdeu em Cerro-Corá.

Na opinião autorizada dêsse sacerdote, Panchita foi em todo o decurso da vida, modêlo perfeito das mais peregrinas virtudes cristãs.

A fama da sua honestidade e o recato da sua vida, notórios em Assunção.

Jamais uma única vez ousou alçar-se em desabono da sua castidade intangível, proclamada até pelos apaniguados mais ferrenhos do monstro paraguaio.

"*Era uma criatura inatacável sob qualquer ponto de vista*", — escreve aos 80 anos de idade o antigo capelão-chefe do Exército de Francisco Solano López.

Vira-a pela última vez no acampamento de Itanará. Ambos eram então prisioneiros.

Após lauta ceia, que pèrfidamente lhe oferecera a ambiciosa e solerte concubina do despota, a sedutora Madame Lynch, Panchita foi conduzida ao Quartel-General das tropas republicanas e posta incomunicável em prisão infecta, sem luz e sem ar.

Dias depois o exército marchava em direção a Arroyo-Guazú, onde se consumaram à luz meridiana as mais horripilantes execuções, que podem registar os anais da tirania...

Nessa localidade recebeu Panchita a palma gloriosa do martírio!

Depois de açoitada pelos algozes, de sofrer sem um protesto de revolta os mais cruéis e bárbaros castigos físicos, de passar indefesa pelas mais atrozes humilhações morais, de suportar com resignação angélica, pôsto que com altivez e serenidade, o insulto, a injúria, os doéstos com que os carcereiros covardemente a flagelaram, teve a sua vida ceifada pelos pontaços das lanças aceradas, que lhe rasgaram as carnes virginais e lhe sangraram o coração de heroína!

Nem sequer uma sepultura rasa e humilde lhe deram!

Nem mesmo uma cruz tosca lhe assinalou o lugar do holocausto!

Pagou com a vida o "CRIME" de não haver cedido aos caprichos sensuais do tirano sanguinário, odiento e repulsivo!

* * *

O jornal "El Orden", na edição de 12 de setembro de 1905, comentando a narrativa impressionante que o Padre Maíz faz do martírio de Pancha Garmendia, cita os nomes das senhoras da melhor sociedade paraguaia que a sucederam na sorte malfadada : — Juana Carrillo, mãe de Solano López, suas irmãs Innocencia López de Barrios e Rafaela López de Bedoya, Juliana Insfran, *"la heroina del dolor"* Bernarda Barrios de Marco, Dolores Recalde, Mercedes Egusquiza, as seis irmãs Barrios, e centos e centos de outras virgens impunemente imoladas para satisfação dos instintos selvagens do reprobo sul-americano !

* * *

O martírio de Pancha Garmendia, narrou-o ainda neste período lancinante o ilustre historiador Heitor Decoud, no seu livro *"Una década de vida nacional"* :

"Pancha, convertida en un "ecce homo", a causa de las heridas ulceradas que presentaba su cuerpo desde la región cervical hasta las nalgas, por los azotes, que a corto intervalo, recebia de dia e de noche, durante su prisión, envuelta únicamente con una sábana de lienzo criollo, toda sucia y manchada de la sangre vertido por su laceramiento, con la cabellera suelta y desgreñada, apenas podia andar de pie y manos. Fué traida al lugar de su lanceamiento, sobre la orilla del arroyo Guazú,

distante unos cincuenta metros de un árbol corpulento, en cuya sombra guardaba su prisión. A sus verdugos no les dió gran trabajo para ultimarle, pues, apenas le tocaran con las puntas de sus lanzas, cayó completamente inerte."

* * *

Como exemplo edificante do que foram os fabulosos tribunais de sangue de López II, ser-me-á acaso necessário citar outros fatos? Não será êste suficiente para provar que o Marechal Francisco Solano López foi de fato *"un autócrata que gobierno sin parlamento, sin corte de justicia ni tribunales, dueño a placer de vidas y haciendas, de fortuna publica y privada, del tesoro de la Republica y de los bienes de cada ciudadano, de las tierras del Estado y do las propriedades particulares"*, como lhe definiu a personalidade em traços fortes e vigorosos o reputado escritor paraguaio Sr. Juansilvano Godoi, no seu livro *"Monografias Históricas"*? Certo que não.

CENTRO CULTURAL
"Prudente de Morais"
PIRACICABA — S.P.

D.ª Juana Carrillo

Francisco Solano López era positivamente um degenerado...

Na galeria dos criminosos célebres a sua efígie repulsiva deve ser colocada face a face da de Nero.

Como o imperador romano, requintou em maldade e felonia contra aquela que lhe dera o ser!

Quanto mais lhe tenho estudado a vida e procurado compreender e desvendar o mistério da sua psicologia, — através do testemunho veraz dos seus parentes mais próximos, dos seus auxiliares de govêrno, dos seus generais da maior confiança, dos seus contemporâneos e dos historiadores insuspeitos, — tanto mais me convenço e capacito de que nenhum sentimento humano de delicadeza e solidariedade, de gratidão e honra, de civismo e altivez jamais se aninhou no fundo excuso e lôbrego daquela consciência de tarado.

Não tem fundamento histórico a balela forgicada pelo lópezguaysmo alucinado e obsidente a respeito da *famosa* coragem do farçante, — coragem sempre negativa, claudicante, incerta nos momentos em que poderia tê-la demonstrado à evidência.

O traço característico da personalidade moral do despota era antes a covardia refinada sob a forma de prudência...

Degenerado é o que sempre foi.

Na infância, — preferindo divertir-se com o extirpar os olhos e a língua das avesitas implumes, em vez de folgar na companhia inocente das crianças que o rodeavam...

Na mocidade, — dando pasto sem freios aos instintos sensuais, de que foram vítimas imbeles centenas e centenas de donzelas formosas e distintas da sociedade paraguaia...

No apogeu do prestígio e da fôrça, — tornando-se *"o carrasco do seu povo e o assassino da sua pátria"*...

Até na morte, — procurando na fuga ignominiosa a escapatória ao julgamento dos crimes, de que fôra autor ou responsável.

Vilão, — eis o que foi do berço ao túmulo...

* * *

Francisco Solano López positivamente foi um especimen típico de anormal.

Para provar a sua insensibilidade moral basta referir o martírio a que foi por sua ordem submetida sua própria progenitora D.ª Juana Carrillo.

A viúva de D. Carlos Antonio López sofreu indefesa tôdas as privações. Encarcerada, chicoteada e ultrajada, chegou a passar fome e a curtir as agruras da sêde. Foi submetida a todos os vexames e humilhações, — tudo por determinação expressa do filho desumano.

Escapou à pena capital porque a Providência Divina determinou que o Exército do Império na véspera do

seu holocausto desbaratasse completamente em Cerro-Corá, a 1.º de março de 1870, o resto das fôrças desorganizadas de López II. Aí caiu êle vencido e morto na ponta da lança gloriosa de um soldado brasileiro...

O martírio de D.ª Juana Carrillo começou no dia em que, depois de três anos de separação, se transportara de Patiño-Cué, onde residia, a Villeta, para onde se transferira o tirano, em seguida ao desastre de Humaitá, a fim de visitá-lo e oferecer-lhe presentes e regalos, que adquirira no intuito de acariciá-lo...

Acusada logo de conivência numa conjura contra a vida de López, D.ª Juana foi sumàriamente prêsa, arbitràriamente sujeita a um simulacro de julgamento e sem forma de processo condenada à morte.

Como prisão foi-lhe destinado um carro hermèticamente fechado, que acompanhava, seguido de uma escolta, a retaguarda do exército em fuga.

Dêsse cárcere ambulante, à pobre vítima, sob nenhum pretexto, era permitido sair, *"ni au'n para las necesidades más apremiantes de la vida"*, — refere uma testemunha presencial.

Ela própria, mais tarde, contando a sua dolorosa odisséa, entre lágrimas sentidas, nestes termos, se exprimiu : — *"era la más cruel prisión, viéndome condenada a viver enjaulada, sin ver jamás alrededor ningun semblante amigo, sinó esbirros que me ultrajaban de tôdas las maneras"*.

Devorada pela fome, de uma feita chegou a desfalecer. E não sucumbiu, porque o capitão da guarda, condoído, ocultamente lhe mandou fornecer um pouco de

farinha. O alferes, mensageiro da migalha, correu a presença do "Supremo" e denunciou o gesto de caridade do superior hierárquico. Em conseqüência, o oficial generoso foi *lanceado en el acto*...

* * *

A 21 de dezembro de 1869, López mandou fuzilar seu irmão Benigno e seus cunhados Saturnino Bedoya, tesoureiro da Nação, e General Barrios.

As espôsas de ambos, Rafaela e Innocencia, irmãs do tirano, presenciaram, estarrecidas, ao espetáculo horripilante da execução.

Nesse mesmo dia, sorte idêntica tiveram o Bispo Palacios, o Ministro José Bérges, o presbítero Eugenio Bogado, o Cônsul português José Leite Pereira, o Capitão Fidanza, o Coronel Paulino Alén, o Padre Juan Bautista Zaldoundo, a senhora Juliana Insfrán de Martinez, as senhorinhas Dolores Recalde e Mercedes Egusquiza.

Escaparam à pena capital, dos íntimos, sòmente seus irmãos Venancio, Innocencia de Barrios e Rafaela de Bodoya, condenados, entretanto, à prisão.

Pouco tempo depois, suspeitando que os sobreviventes, de parceria com D.ª Juana Carrillo, tramavam a sua eliminação por meio de envenenamento, mandou *enjuiciarlos y azotarlos barbaramente*.

O testemunho, que posso invocar neste passo, é o do General Isidoro Resquin, exarado no seu diário de guerra, que os Aliados apreenderam em Lomas Valentinas.

* * *

Um outro depoimento de valia e pêso, que pode ser trazido ao debate como subsídio precioso para a elucidação da verdade, é o do General Bernardino Caballero, colhido dos seus próprios lábios pelo estadista platino D. Estanisláo Zeballos, em presença do Secretário da Legação Argentina no Paraguai, Sr. Olegario Andrade e do Coronel Salvañac.

Êsse depoimento, consubstanciado em uma relação escrita, que Caballero ofereceu, em 1888, a Zeballos, faz parte da coleção de valiosíssimos documentos do arquivo do falecido estadista portenho.

Vale a pena transcrever um pequeno trecho do relatório impressionante do famoso guerrilheiro : — *"durante el campamento del ejército en las sierras de Mbaracajú, en el lugar llamado Panadero, se le presentó un ayudante de Lopez y le pedió, de orden del mismo, un sargento de toda su confianza; entonce el General le envió uno, quien la noche del mismo dia volvió y le dijo : — General, acaba de suceder una grand desgracia, y que alarmado preguntó sobre lo ocurrido, contestándole el sargento que el Coronel Aveiro habia azotado a la madre del mariscal, le habia tomado declaración y que el (el sargento) habia participado en el hecho. — El General contestó que si no queria ser fusilado, guardase el mayor silencio al respecto."*

O General Caballero costumava ainda referir-se ao testemunho do General Roa, que lhe contara certa

feita haver López mandado *azotar a su madre, la señora Carrillo, recibiendo esta cincuenta azotes.*

Na *parte* oficial do Conde d'Eu, General em chefe do Exército Brasileiro, datado do Quartel-General de Vila do Rosário, a 12 de março de 1870, lê-se o seguinte tópico : — *Encontram-se em nosso poder a mãe e as irmãs de López, que mostram no corpo sinais de sevícias, que lhes foram infligidas por ordem daquele tirano; iam ser tôdas executadas no mesmo dia, em que a morte do seu feroz parente veiu livrá-las.*

O doutor Guilherme Stewart, em carta de 29 de junho de 1870 ao Dr. Domingos Parodi, confirma os fatos atrás citados com estas palavras : — ... *es positivo que elas* (a mãe e as irmãs de López) *fueron sentenciadas a muerte.*

Schneider dá o seu beneplácito insuspeito e autorizado nestes termos insofismáveis: — *"O tenente Muñoz, que tenia en custodia la madre y hermanas del mariscal y que recibiera orden de lancearlas al aproximarse el enemigo, se condolió de ellas y las dejó com vida".*

A 8 de fevereiro de 1869, D. Venancio López, irmão sobrevivente do despota, depois de completada a via-dolorosa que palmilhara lado a lado da mãe e das irmãs, sucumbia, executado à espada, em Chiriguelo, perto de Cerro-Corá.

Do impressionante livro paraguaio — *"Sobre los escombros de la guerra"* — quero tirar a descrição final do martírio da infeliz D.ª Juana Carrillo : — ... *las anchas cicatrices que ostentaban las espaldas de la pobre anciana madre, producidas por los cuarto cintarazos con*

que la acarició con su espada el jefe del cuartel general coronel Silvestre Aveiro, por orden del presidente de la Republica y generalismo de sus ejércitos, mariscal Francisco Solano López, las llevó a la tumba, como recuerdo de la inefable gratitud de éste hijo primogénito".

Revivido, à luz dos documentos históricos e à vista dos textos dos historiadores paraguaios, o drama de sofrimentos e angústias de que foi protagonista D.ª Juana Carrillo, não é de admirar que à conta do acêrvo de crimes e atentados, praticados ou ordenados por Francisco Solano López, se compute a responsabilidade direta e imediata do despota monstruoso nas inauditas crueldades, de que foram vítimas indefesas Pancha Garmendia, *"heroina de su honor"*, Juliana Insfrán, *"heroina del dolor"*, os sentenciados dos célebres *"tribunales de sangre"*, os milhares de indivíduos inocentes, sem nota de culpa, sumàriamente imolados no decurso da sangrenta tragédia sul-americana, provocada pela vaidade, pelo orgulho, pela paixão, pelo ódio, pelos instintos selvagens do execrado tirano da república guaraní.

Como Nero, Francisco Solano López odiava a família, detestava a sociedade, suspeitava do seu povo, tinha horror à humanidade, nem sequer amava a Pátria...

Como o reprobo romano, o paraguaio não poupou sequer aquela que lhe dera a vida...

Monstro de perversidade, sôbre o seu nome pesará eternamente a responsabilidade do mais hediondo crime que imaginar se pode cometido — o matricídio.

D.ª Juana Carrillo sucumbiu evidentemente em conseqüência das sofrimentos físicos e das privações morais, a que foi submetida, por ordem expressa e determinação formal do filho desalmado!

A maldição da história cairá inexorável sôbre López II, por mais ingentes os esforços para inocentá-lo por parte dos *olearys* daquém e dalém fronteiras...

O julgamento de Venâncio

"*El Mariscal*", conforme o testemunho da sua família e dos seus contemporâneos, sempre se revelou, — em tôdas as fases da sua vida ominosa, no fastígio do poder, como no declínio da tirania — indivíduo de caráter inferior, destituido de senso comum, fàcilmente sugestionável ao sussurro das intrigas mesquinhas, capaz de praticar ou sancionar as maiores crueldades e torpezas sob o império dos sentimentos mais disparatados e dos caprichos mais absurdos, fôssem oriundos de simples suspeitas, ou resultantes de meras conjecturas.

Fato é que desconfiava sempre dos seus melhores amigos.

Nem acreditava tão pouco na sinceridade e no desinterêsse dos membros da sua família.

Os generais de maior valor e de mais alta galhardia do seu exército foram sumàriamente sacrificados à sua fobia sanguinária.

Ministros e conselheiros por um nada decairam de sua confiança.

Oficiais e soldados nunca lhe mereceram crédito; nem mesmo lhes aferia a bravura pela craveira da sua covardia congênita.

Sob a atmosfera densa de constantes delações e contínuas dúvidas, passou a existência execranda.

Êsse horrível estado físico acentuou-se, sob modalidades alarmantes e de forma vertiginosa, depois das tremendas derrotas que lhe infligira o Exército Imperial, forçando-lhe o último recurso, qual a fuga desordenada e vergonhosa para as cordilheiras.

Na etapa final da vida, o despota hispano-guaraní perdeu de vez as derradeiras noções do sentimento humano.

Afigurava-se antes verdadeira fera indomável...

Não saciada ainda em San Fernando a sêde canibalesca que o torturava secretamente, quis reeditar, e de fato reeditou em San Estanisláo os massacres neroneanos com que pretendera atemorizar e intimidar os conspiradores, que supunha em derredor da sua pessoa.

Duendes horripilantes que o perseguiam dia e noite!

Sombras de remorsos, que o não deixavam em paz!

O Coronel Juan Crisóstomo Centurión, tão fiel à sua memória, chega a estremecer de pavor, e quase a pena lhe cai das mãos trêmulas ao descrever no volume IV de suas "*Reminicências Históricas*", o drama pungente de San Estanisláo.

— "*El recuerdo de aquella luctuosa hecatombe, en que fueron sacrificados a la implacable saña del Mariscal tantas personas meritorias por sus servicios y sacrificios en defensa de la causa nacional, hace estremecer al alma que aún se agita tristemente destilando gota a gota el supremo dolor que la embargara al contemplar tan immensa desgracia. Profunda fué la impresión que dejó en los corazones de cuantos tuvieran la triste suerte o más propriamente, la cruel mortificación de presenciarla. La*

mano tiembla y la pluma se resiste a relatar hechos fatidicos llenos de detalles commovedores; pero nuestra misión y la verdad histórica nos imponen el deber de afrontarlos; armémonos pués de valor e prosigamos".

Naquele lugarejo montanhês foram imoladas à sanha do reprobo inúmeras vítimas, cujos nomes a história perpetuou como mártires da tirania lópizta : — o bravo e arrogante *alferes Aquino*, cuja bravura indômita nunca teve desfalecimentos; o *Coronel Mongelós*, valoroso comandante de uma divisão do Exército, à qual se achavam agregados as famosas escoltas "*acáberá*" e "*acácarayá*"; o *Major Riveros*, cuja morte "*fué un acto cruel y barbaro, sin genero de atenuación*"; cêrca de sessenta soldados e vários oficiais, todos assassinados à espada, sob as vistas imediatas do Marechal, que, a cavalo, assistiu impassível, jubiloso, ao espectáculo cruento.

Finda a matança, o despota apeou da alimaria ajaezada, e seguido do séquito habitual, dirigiu-se ao adro da igreja de San Estanisláo...

Nem coragem teve de penetrar no recinto sagrado!

Joelhos em terras, aspecto contrito, fisionomia serena, cabeça pendida para o peito, fingiu orar largo tempo...

Informado logo depois de que as fôrças brasileiras tinham, nesse interim, desembarcado nos departamentos de Concepción e Rosario, rumando para San Estanisláo, resolveu precipitadamente levantar o acampamento e tomar a direção de San Izidro.

CENTRO CULTURAL
"Prudente de Morais"
PIRACICABA — S.P.

Isso ocorreu na manhã de 30 de agôsto de 1869.

* * *

Na lista dos conspiradores de San Estanisláo estava incluído o nome de Venancio López, que conseguiu entretanto, escapar à pena capital, alcançando o indulto.

Valeu-lhe a graça o haver espontâneamente confessado a fraqueza de pretender fugir, na companhia dos demais membros da família, ao ter notícia da ocupação de San Joaquin pelas fôrças inimigas.

No Azcurra foi, porém, novamente prêso. Então, sem causa justificável. E pôsto em incomunicabilidade, sob a vigilância e custódia de um oficial às ordens do Coronel Marcó.

Apesar de tudo, Venancio gozava de relativa liberdade.

Marcó, seu velho amigo de Assunção, procurava em parte mitigar-lhe o sofrimento, concedendo-lhe certas franquias, que, por não terem sido sigilosas, chegaram logo aos ouvidos de López, então de passagem por Curuguaty.

Regressando a Tandei-y, o despota despachou sem tardança um ajudante de ordens do Quartel-General com instruções severas para reforçar a prisão de Venancio e trazer imediatamente à sua presença o chefe da intendência o Coronel Hilario Marcó.

Interrogado pelo Marechal, não teve êle outro recurso senão confessar a verdade.

Venancio, ouvido pelo Ministro Caminos, pelo Ge-

neral Resquin e pelo Vice-Presidente Sanchez, não quis negar os fatos.

Os acusados foram, a seguir, submetidos a julgamento perante dois tribunais militares, compostos respectivamente, um do Comandante Manuel Palacios e do Capitão de Fragata Romualdo Muñez, e outro do Coronel Avalos e do sargento-mór Bernardo Villamayor.

Venancio López, Hilario Marcó, Bernardo Barrios e o médico Castillo, nas suas declarações, comprometeram a mãe do tirano, D.ª Juana Carrillo López, e suas irmãs Innocencia Barrios e Rafaela de Bedoya, além de mais cinco ou seis oficiais da majoria.

Êstes últimos e o médico Castillo foram imediatamente passados a fio d'armas. Marcó, executado no acampamento de Zanjahu, depois de ter suportado os mais cruéis e bárbaros sofrimentos. Juana Carrillo e suas filhas, prêsas num carretão lúgubre e levadas para Igatimy.

A *via-crucis* de Venancio atingira já então quase ao término.

* * *

Tão brutais e selvagens foram os castigos físicos infligidos a Venancio por determinação expressa de Solano López, que o infeliz prisioneiro, *"harapiento, demarcrado y con una luenga barba, solo podia andar de pie y manos, por serle imposible harcelo de parado a causa de las llagas ulceradas que tenia en las espaldas, por los azotes que habia recibido y seguia recibiendo"*.

O ilustre e venerando Dr. Cecilio Báez, no seu excelente e probidoso livro — "*La tirannia en el Paraguay*", — descrevendo a epopéia sofredora de Venancio, conta, — e quem há de pôr em dúvida a autoridade moral e a insuspeição absoluta do eminente historiador e jurisconsulto assuncino? — que muitas senhoras, por êle próprio inqueridas, lhe relataram ao vivo o episódio macabro da caminhada sinistra de Curuguaty a Igatimy, no decurso da qual a pobre vítima do ódio fratricida "*iba levantando y comiendo a su paco las cascaras de las naranjas agrias que ellas habian tirado*".

* * *

Venancio diàriamente sofria a humilhação de ser flagelado, açoitado, azorragado, lanceado pelos braços de ferro do sargento-mór Gauto, ajudante de Elisa Lynch, famosa concubina de López II.

Quantas vêzes Innocencio Céspedes, carrasco privado do despota, não partilhou da honra de chicotear o desgraçado réu!

Costumava Céspedes contar que, certa feita, ouviu dos lábios do tirano esta ordem textual:

— "*Sargento Mitú; conduzca usted al reo Venancio a presencia del fiscal coronel Centurión; apliquele quatro fuertes sablazos al sacarlo de la prisión y otros cuatro al volver a ella y cuidado, eñ!*"

Era assim que o Nero paraguaio se comprasia em tratar, por intermédio dos sues sequases, o irmão infeliz que lhe decaíra das graças soberanas!

Tão bem Céspedes se desempenhara da incumbência marechalícia que logo depois estava promovido ao pôsto de alferes...

Deixara então de empunhar o látego para manejar a espada...

* * *

Manuel Zarza fôra escolhido e designado para condutor do *"réu-Venancio"* de Chiriguelo a Cerro-Corá.

Ao defrontar o prisioneiro foi assaltado pela mais dolorosa das surpresas.

"Trabajo me custó persuadirme de que aquel espectro fuese el hombre robusto y bizarro que habia conocido en otro tiempo", confessava anos mais tarde, sem rebuços...

Trazendo sôbre os ombros descarnados, em chagas vivas, vertendo sangue, um poncho ordinário, e cobrindo-lhe as pernas trôpegas, ossudas, esqueléticas, apostemadas, alguns trapos de pano azul, à guiza de calças, — mostrava-se o prisioneiro tão fraco, extenuado, débil que mal podia manter-se em pé, quanto mais locomover-se...

Nem assim o famigerado Ramirez, depositário da confiança de López, se condoía da sua desgraça.

Recebera ordem de conduzi-lo em marcha forçada, pudesse ou não caminhar. Era preciso obedecer.

A vítima, somando as últimas energias dos músculos e as derradeiras reservas dos nervos, apoiou-se aos ombros protetores de um companheiro de desdita e conseguiu por-se em pé. Esfôrço inútil!

CENTRO CULTURAL
"Prudente de Morais"
PIRACICABA

Mal ensaiou duas dezenas de passos claudicantes, as fôrças faltaram-lhe totalmente. Bambolearam-se-lhe as pernas. O corpo vergou. E o desgraçado, reborcando de bruços, com os lábios macerados beijou, o solo umedecido pelo seu próprio sangue...

A besta-fera de Ramirez nem assim se apiedou...

Enfurecido, colérico, trovejante, o sicário, desembainhando a espada reluzente, ali mesmo aplicou ao costado em úlceras do mártir repetidos e violentos golpes, que o puseram por terra.

Depois de prodigalizar-lhe tôda a sorte de ultrajes, certificando-se afinal de que não mais restavam fôrças para prosseguir na jornada, desferiu-lhe ainda *"un feroz golpe de filo y pobre diablo coronel se murió no más"*.

Nesse dia, Francisco Solano López tivera maior apetite. Jantara melhor. Melhor bebera. E com tôda a confiança se entregara aos enleios sedutores e aos encantos amorosos nos braços sensuais de Elisa Lynch...

* * *

A verdade, que os historiadores honestos do Paraguai nunca pretenderam simular, é que o Tamerlão hispano-guaraní no fundo da alma torva sempre odiou o irmão mais jovem, seja por despeito, vendo-o querido, respeitado e prestigioso no seio do Exército, na sociedade de Assunção, no círculo da família, seja por inveja, sabendo-o mais inteligente, arguto e perspicaz do que êle.

No secreto da sua consciência de degenerado atavico

jamais pôde suportar o cotêjo silencioso das qualidades boas, superiores, peregrinas do irmão, com o conjunto trêdo das suas anormalidades morais, das suas nevroses sanguinárias, das suas fobias sensuais, das suas fatalidades criminosas...

CENTRO CULTURAL
"Prudente de Morais"
PIRACICABA — S.P.

Benigno, o mártir

Benigno López, irmão cassula do monstro paraguaio, colhido na trama maquiavélica da suposta conjura, antes urdida pela imaginação diabólica da famosa Elisa Alice Lynch de Quatrefages, fôra desde logo, entregue aos "*carinhosos*" cuidados do famigerado sargento-mór Gregório Benítez — sanguinário *pyragüo* (espião) do General Requin.

Em Concepción, onde exercera sua máxima atividade, tornara-se Benítez conhecido pela autonomasia de *Toro Pichai.*

Promovido a Tenente e sem tardança a Capitão, no mesmo dia da sua chegada a Pikysyry fôra por "*El Supremo*" galardoado, recebendo-lhe das mãos "*augustas*", em presença dos chefes e oficiais do estado-maior do Exército, os galões do oficialato...

Era dotado de fôrça física inaudita. Tal qual um touro.

Ninguém melhor do que êle, com mais perícia e prazer, sabia açoitar as vítimas diárias da fobia lópizta...

Sua cabeleira, encrespada e hirsuta, afigurava-se "*semejante al pelo rizado de los raros ejemplares de esta clase de vacuno, y que, generalemente, suelen distinguirse en las corridas de toros, por la gran furia*

de sus acometidas, caracteristicas con que la naturaleza habia dotado á este hombre, y que le valieron para que, de su bien ingrata prueba, se le aplicara tan apropiado apodo, origen de su triste fama".

Assim lhe explica a alcunha, universalmente vulgarizada no seio das tropas paraguaias, o ilustre, insuspeitíssimo e integérrimo historiador **Héctor Francisco Decoud**, no seu magistral e precioso volume "*La Masacre de Concepción*" (edição de 1926, pág. 33).

* * *

Teve Benigno por companheiros do martírio, entre outros patriotas, o venerando bispo Palacios, vítima indefesa da vaidade criminosa do capelão-mór **Fidél Maíz** e da ambição mórbida do presbítero **Justo Román**, — "*célebres*" juízes-fiscais da segunda comissão de "*tribunales de sangre*"; o hábil ministro das relações exteriores **José Berges**, "*uno de los ciudadanos más honorables e inteligentes con que contó el Paraguay*"; o respeitável ancião **Hilário Recalde**, patriarca de uma das mais conceituadas famílias do país.

Toro Pichai, seus dois ajudantes e os cinco soldados do esquadrão de lanceiros *Acá Iboty*, sob suas ordens, não pouparam os prisioneiros, infligindo-lhes tôda a sorte de vexames e humilhações.

Nem ao cêpo *Ibyrá Cuá*, — instrumento de tortura inventado pela inquisição e introduzido no Paraguai durante o domínio espanhol — escaparam os desgraçados...

* * *

Francisco Solano López sempre detestou o irmão desde a mocidade, porque em tempo lhe reconhecera superioridade em caráter, inteligência e educação.

Logo que se apoderou do govêrno, após a morte de Carlos Antonio López, tratou de desterrá-lo em Concepción. E conseqüentemente o eliminou de tôda e qualquer participação, remota mesmo, nos negócios do Estado.

Instigado, mais tarde, pela concubina voraz e solerte, não se arreceando ainda do castigo divino, mandou incluir-lhe o nome na lista dos conspiradores de Salinares.

Chamado a depôr, Benigno foi conduzido de Assunção a Ceibo. E daí levado a San Fernando.

Sumàriamente encarcerado, com sentinelas à vista, abatido ao pêso dos grilhões, "*acariciaram-no*" a princípio com centenas de açoites, que lhe deixaram o corpo débil e franzino em petição de miséria... Coberto de úlceras! Vertendo sangue! Lacerado! Apostemado!

Semi-morto, exanime, caído por terra, só então recebeu os primeiros socorros médicos, prestados aliás pelo cirurgião-inspetor Dr. Cirillo Solalinde.

Mal pensadas as feridas, ainda febril, debilitado em extremo, arrastaram-no, sem piedade, nem comiseração, à barra do "*tribunale*"...

Jurando, impertérrito e pertinaz, sua completa inocência, jamais mentiu ou se desdisse perante os algozes.

Nem sequer durante as torturas inauditas do *cêpo de Uruguaiana,* — suplício mongólico, à visão tétrica do qual se rendiam, impotentes, vencidas, desarticuladas, as mais heróicas resistências humanas...

* * *

A 20 de dezembro de 1868, o Conselho de Guerra, atendendo ao pedido formal dos juízes-fiscais, proferia sentença condenatória cominando-lhe e a seus supostos cúmplices a pena de morte.

No dia imediato, ao raiar fulgido da madrugada Benigno López, Manuel Antonio Palacios, Vicente Barrios, José Berges, Eugenio Bogado, José Maria Leite Pereira, Simón Fidanza, Paulino Alen, Juan Bautista Zalduondo, Juliana Insfrán, Dolores Rescalde e Mercedes Egusquiza ouviram dos lábios brancos e frios do escrivão Cornélio Talavera, assistido pelos membros da comissão especialmente designada para proceder ao ato executório, — Tenente-Coronel Hilario Marcó, sargento-mór Vicente Avalos e Capitão Matiás Goiburd, — a leitura da nefanda e negregada peça de condenação.

Formou-se a seguir o cortêjo em direção ao patíbulo...

À testada marchava, silencioso, forte contingente de tropas. "*Luego venian cuatro sacerdotes que iban rezando en alta voz, precedidos por cuatro soldados, conductores cada uno de un banquito, completando la macabra procesión ocho soldados que llevaban al hombro azadas y palas.*"

A certa distância, talvez 50 metros, seguiam, custodiados por um pelotão ardego de cavalaria, três carretões puxados a mulas, dentro dos quais, em cárcere ambulante, se achavam enjaulados os membros sobreviventes da infeliz família López : — Juana Carrillo, Innocencia de Barrios, Rafaela de Bedoya e Venancio López.

* * *

Depois de curta caminhada, o prestito sinistro atingiu ao local da execução. E fêz alto. Silêncio absoluto em derredor...

Benigno, durante todo o trajeto, manteve-se inalteràvelmente sereno e altivo. Como sempre galhardo e nobre !

A um dado momento, em tom enérgico e decisivo de voz, chamou o alferes Luís Goiburú. E confiou-lhe a guarda de riquíssimo anel de ouro, em cuja gravação se ostentava lindo brilhante, que sempre usara no dedo mínimo da mão esquerda.

Recomendando-lhe que o entregasse como lembrança da última hora de sua vida, à sua mãe D.ª Juana Carrillo López, quedou-se, daí em diante, em profunda meditação... Orava certamente. Pois sempre fôra muito crente e piedoso !

Goiburú, entretanto, não se desobrigou honestamente da incumbência. Receioso de qualquer complicação futura, passou, célere, a joia de muita valia intrínseca, pôsto que de inestimável significação moral, à

guarda do comandante Hilario Marcó, que, por seu turno, a transmitiu *incontinente a "El Supremo"*.

O anel, entretanto, jamais chegou ao seu destino...

Dias depois a insaciável Lynch o exibia, garbosa e requintada, nas mãos níveas e macias de aventureira rapinante e lasciva...

* * *

Ainda minutos antes da execução, Benigno foi novamente açoitado.

Testemunhou o ato de selvageria sem nome o senhor Adolfo Seguier, citado pelo ilustre Juansilvano Godoy, no seu opulento volume *"Documentos Históricos"*.

Silvestre Aveiro, — eis o nome do verdugo. Aquêle mesmo Coronel, ajudante de ordens do tirano, chefe do estado-maior do exército em fuga, *"fiscal de sangre"*, cujo perfil o escritor brasilofobo Don Juan E. O'Leary traça, em verdadeiro delírio deturpador da verdade, no seu volume *"El Libro de los Héroes"* (1922, pág. 101), exaltando-lhe a personalidade desde os tempos em que exercera as funções de escrivão do Govêrno e da Fazenda...

Mal pronunciara o bispo Palacios algumas palavras de despedida, e já o comandante Marcó ordenava o cumprimento sumário da sentença condenatória...

"El crepitar de la fusilaria puso fin a aquel lugubre cuadro, como también al largo y indescriptible martirio y congoja de tan distinguidas como inocentes victimas de la saña infernal de aquel monstruo con figura humana", — escreve com indignação e revolta, o brilhante

e erudito historiador Sr. Héctor Francisco Decoud, em cuja lição insuspeita, serena e veraz me abeberei para traçar esta página sombria, com que, ainda uma vez, quero estigmatizar a memória execranda do "*assassino e algoz do povo paraguaio*".

* * *

Francisco Solano López, desde que lhe brotou, floriu e germinou na mente obsecada a idéia exdrúxula e absurda de proclamar-se e fazer-se coroar imperador do Paraguai, tratou logo de afastar do seu convívio e das suas relações todos os membros de sua família, receioso de que lhe pudessem obstar a realização do sonho megalomano.

Verdugo da própria mãe, dos irmãos e cunhados, dos parentes e amigos, "*El Supremo*" só se deixou influenciar em todo o curso da sua vida pelos conselhos maléficos e insinuações diabólicas da amante, cujo ódio pelos López atingiu por vêzes às raias do paroxismo.

Benigno, — altivo e nobre, dotado de inteligência esclarecida, bastante cultivada, homem de caráter e vontade, filho extremoso, irmão amantíssimo, patriota sincero, — não costumava ocultar a sua desaprovação às loucuras e aos desatinos do irmão.

Jamais também praticara a miséria moral de homenagear-lhe a concubina predileta..., aos pés da qual o Paraguai inteiro se agachava : — generais, ministros, sacerdotes, até senhoras da mais alta sociedade !...

E muito menos ainda se prestara em tempo algum

ao papel ignóbil de comparsa nos atos de tirania e prepotência, com que *"El Mariscal"* conseguira fazer flutuar num mar de sangue o seu prestígio de despota e irradiar por todos os recantos do orbe a sua fama de potentado criminoso e nababo sensual...

Esta a razão próxima, imediata do rancor sem remissão, que lhe votava o ditador.

E a remota? Sem dúvida alguma a inveja incoercível, que sempre minou, roeu, solapou a alma satânica do mais hediondo sátrapa, que ainda infelicitou e degradou o solo livre da América.

Benigno pagou com a vida o *"crime"* de ser inteligente e virtuoso, nobre e altivo numa época lôbrega, apocalíptica, em que os melhores títulos de recomendação e mérito no Paraguai eram certamente o servilismo e a perfídia, a maldade e a ignorância...

A influência da Lynch

De Elisa Alicia Lynch de Quatrefages — *la Proserpina de la guerra del Paraguay*, na frase candente de Belisário Rivarola, — traçou o perfil em páginas lapidares de beleza literária e verdade histórica o ilustre polígrafo Héctor Francisco Decoud, uma das expressões culturais mais altas e luminosas da moderna mentalidade paraguaia.

O Visconde de Taunay, nas *Cartas da Campanha*, refere-se em termos lisonjeiros aos encantos físicos da solerte concubina do despota hispano-guaraní: — *mulher de fisionomia agradável, olhar meigo, rosto cheio, com muita expressão de bondade...*

No conceito unânime dos seus coevos e dos que a seu respeito deixaram impressões escritas, a famosa inglêsa era realmente bela, de porte majestoso, silhueta elegantíssima, requintada no trato pessoal, de maneiras aprimoradas e donaire senhoril, amante do luxo e do confôrto, bastante inteligente, sagaz e melíflua, relativamente culta, apreciando deveras os prazeres da mesa e às vêzes exagerando até o uso das bedidas espirituosas...

Na sua aprazível vivenda de Areguá, nas proximidades de Patinho-cuê, ou no palácio de Assunção, mesmo nos próprios acampamentos de guerra costumava manter

grande *train de vie*, cujas despesas aliás corriam sempre por conta do erário público...

"*La caja de madame Lynch*", esclarece o Dr. Rámon Zubizarreta, jurisconsulto espanhol e professor de direito, que durante longos anos residiu no Paraguai, tendo sido o organizador e primeiro reitor da Universidade Nacional, "*era la de López y la de éste no era otra que la del Tesoro Publico*".

O próprio plenipotenciário americano, General Mac-Mahon, não se pejou de confessar pùblicamente perante oficiais brasileiros a impressão profunda, que lhe causara a beleza fascinante da cortesã : — "*o seu coração é um abismo de doçura... a sua venustade e placidez encantam nas agruras de Peribebuy*".

Tão rendido ficara às seduções embriagadoras da aventureira amorosa que acabara aceitando de López, mau grado o pôsto diplomático que ocupava, o encargo pouco honroso de ser o depositário e guarda do testamento, em virtude do qual o tirano, "*agradècido a los servicios de la señora doña Elisa A. Lynch*", legava à adúltera todos os "*bienss, derechos, y acciones personales*", em documento escrito e firmado do seu próprio punho, por fôrça do qual lhe transferia solenemente, todos os "*interesses particulares de cualquier clase*" pertencentes ao acervo do seu patrimônio.

Foi êsse mesmo militar, travestido de diplomata, inescrupuloso, ridículo, *viveur*. que se prestou também ao papel pouco edificante de intermediário na passagem subrepticia para a Europa de avultadas quantias em dinheiro, com que a Lynch supunha assegurar o seu futuro

e dos filhos, na hipótese já prevista da derrota das armas paraguaias.

* * *

A influência maléfica que essa mulher fatal exerceu no espírito e na vida de Francisco Solano López foi sempre decisiva. Fulminante. Incontrastável.

Por ela mòrbidamente apaixonado, satisfazia-lhe às cegas, os menores caprichos, cercava-a de carinhos excessivos, havendo mesmo sonhado fazê-la *imperatriz do Paraguai*, caso tivesse vingado o plano urdido e arquitetado nos dias do fausto e do poderio, — de que foram provas insofismáveis a corôa, o cetro e o manto real, encontrados na Alfândega de Buenos Aires logo depois de finda a guerra da tríplice aliança...

Durante tôda a campanha, da mesma forma por que dantes procedera, López, *"en compañia de una adultera-cortezana, la Lynch, llevaba una vida regalada, sibaritica, lejos del fragor de los combate"*.

Os que a conheceram de perto, e com ela privaram longos anos, não lhe pouparam a memória, atribuindo-lhe grande parcela de responsabilidade direta e imediata nos crimes perpetrados pelo amante ou por êle ordenado.

O Major Juan A. Yara por exemplo, depondo perante a justiça civil de seu país, afirmou, sob juramento de só dizer a verdade, que: *"madama Lynch ejerció siempre sobre el ánimo de su amante una influencia maléfica y diabólica, siendo asi la promotora más culpable de las desgracias de la Republica"*...

O Major Manuel Rojas Caracará no mesmo sentido

se pronunciou — *"madama Lynch era una persona torpe e infame..., que habia ejercido mucha influencia sobre el ánimo del mariscal, en quanto a prolongar la guerra y augmentar las desgracias de la Republica con su proceder tiránico y sus consejos malévolos"*.

Em igual diapasão alteiou-se a voz insuspeita do Tenente-Coronel e cirurgião-mór Dr. Cirillo Solalinde, médico da confiança íntima de López e comensal predileto da Lynch, — que nestes termos incisivos prestou depoimento : *"ejercia sobre el ánimo de su amante una influencia maléfica y diabólica"*.

* * *

Aventureira por índole e educação, a Lynch apenas se preocupava com aumentar os seus haveres, fôsse indèbitamente se apossando de mais de três mil léguas de terras do Estado, fôsse esvasiando e canalizando para o seu bolso as arcas do Tesouro Nacional, ou espoliando as famílias paraguaias das suas joias e objetos de valor, ou mesmo fazendo-se presentear pelo amante de tôdas as dádivas com que o povo escravizado o regalava, quer enfim arrebatando criminosamente para avultar o seu patrimônio tudo quanto se achava ao alcance das suas garras de rapina, — até os diamantes, safiras, rubis e pérolas do diadema e dos adereços da *"Imajen Patrona del Paraguay"*.

"Es ási", clama revoltado o Sr. Rivarola, *"que el tesoro en metálico y las mejores terras del Paraguay, defendidas por sus hijos a uñas y dientes, con valor*

indómito, eran transpasados a la mujer funesta, que contribuyó más que nádie, por su influencia mágica y deletérea sobre López, para consumar la ruina del pueblo paraguayo, vejado, escarnecido, ultrajado sin piedad por esa aventurera descarriada".

* * *

"El Supremo", sempre proporcionou à concubina, de par com farta e regalada vida de verdadeira princesa, o apreço e a consideração que só se dispensam a uma mulher honesta e virtuosa...

Em Assunção, como em Huinaitá, Cerro-Leon, Peribebuy, Cerro-Corá, a Lynch jamais alterou os hábitos de sempre.

Cercava-se de todo o confôrto.

Não dispensava em hipótese alguma o luxo que a inebriava até ao delírio.

Levantava-se sistemàticamente da cama entre às 9 e 10 horas da manhã. Até depois das 11 conservava-se no *"boudoir"*, cuidando minuciosamente da *"toilette"*, cada dia mais aprimorada, cada vez mais elegante. Ao meio dia sentava-se à mesa para o almôço. Serviam-lhe de comensais o Marechal López, os ministros e alguns oficiais favoritos, entre os quais Resquin, Aveiros, Centurión e outros. Finda a refeição recolhia-se ato contínuo aos aposentos particulares, para a sesta, que invariàvelmente durava de 1 às 5 da tarde. Preparava-se então para o jantar. Vestida com todo o capricho da moda, entrava no salão às 9 horas da noite, quando

se iniciava o banquete diário, constituído de pratos variados, finamente condimentados, dôces esquisitos, de formas bizarras e paladar refinado, vinhos generosos e licores caríssimos.

O General Francisco Izidoro Resquin, ao prestar declarações no Quartel-General de comando do Exército Imperial em Humaitá, a 20 de março de 1870, estravasa a sua indignação seródia contra o casal concubinário, exprobando-lhe os escândalos nestes termos anodinamente enérgicos : — *"En médio de tantas miserias y de estas escenas de desolación, y de las ejecuciones sin término, López continuaba haciendo con sua amante la misma vida que antes: — se levantaba a las 9, a las 10, a las 11 de la mañana y a veces al médio-dia; fumaba y jugaba con sus hijos, comia bien y bebia mucho, quedando muchas veces en un grande y terrible estado de excitación: Madama Lynch siempre se mostraba vestida de seda y de gran toilette."*

* * *

Em Cerro-Corá a favorita lópezca e seus filhos foram aprisionados pelas fôrças imperiais. Não lhe permitiram a fuga em perspectiva...

"Enquanto López preenchia os derradeiros instantes de sua vida", — relata o Visconde de Taunay, — *"cenas extraordinárias se passavam em outros pontos. Ao redor do carro em que estava Mme. Lynch com seus quatro filhos, alguns oficiais paraguaios lutavam ainda. O tenente-coronel Martins defendia-se dos golpes cegos do*

coronel Pancho López. "Entrega-te menino", — intimava o nosso. — "Rende-te, Panchito, rende-te!" — bradava a Lynch — Qual! A ferazinha nada ouvia: deu um pontaço que a espada do contrário fàcilmente desviou; depois fêz fogo com o revólver e afinal, ensaiou nova cutilada. A paciência do rio-grandense estava esgotada: — seu braço tremendo ergueu-se e Panchito caiu para nunca mais se levantar. A Lynch saiu então do carro: tomou o cadáver do filho e extendeu-o nas almofadas da banqueta da frente. Chorava com ruído e abrindo duas outras vêzes os olhos empanados do morto, chamou por êle: — "Panchito! Panchito!" — O carro da Lynch foi logo guardado por um piquete de sentinelas. A mulher trajava um vestido de luxo: seda prêta com apanhados e babados brancos; penteada com muito cuidado, parecia estar pronta para uma "soirée", tanto mais quanto os dedos enfiavam custosos anéis de diamantes. O sangue de Pancho López manchou aquêle traje."

* * *

Depois da guerra, a Lynch regressou à Paris, — de onde a trouxera López, — levando então em sua companhia os frutos dos seus amores adulteros com o tirano sanguinário. Antes permaneceu algum tempo em Buenos Aires, instalada à rua Bolívar n. 549, onde, em 1884, Héctor Francisco Decoud e Juansilvano Godoi a visitaram, sendo por ela obsequiados com um jantar íntimo.

Na capital francesa tratou de adquirir magnífica e suntuosa vivenda à rua Rivoli.

Desde logo abriu os salões do palacete *"al lujo y a la galanteria"*.

Em seguida empreendeu custosa viagem de recreio ao Oriente, em visita a Jerusalém e as terras santas. Três anos durou a peregrinação.

De volta a Paris foi, entretanto, surpreendida com os precalços de uma ação judiciária, iniciada com o embargo e conseqüente arresto de todos os seus bens, dos quais veiu afinal a ficar inteiramente privada.

Desabituada à pobreza, não resistiu às contingências dolorosas da miséria e do abandono, em que se viu a braços de um momento para outro.

Morreu tempos depois na mais absoluta indigência, despojada da fortuna criminosamente ganha em terra alheia, e por completo no olvido de todos quantos por ela foram protegidos e beneficiados, até mesmo longe dos entes que lhe eram mais caros ao coração" !

"Asi acabó aquella mujer vulgar, que tanto contribuyo para las desgracias del pueblo paraguayo", — escreve, num ímpeto de ardor patriótico, o eminente venerando Dr. Cecilio Báez.

* * *

A 4 de maio de 1870 o Govêrno Provisório da República do Paraguai, constituído por Cirilo A. Rivarola, Carlos Loizaga e José Diaz de Bedoya, expedia um decreto, mais tarde aprovado polo Congresso Legislativo, na sessão de 6 de julho de 1871, cujo artigo segundo determinava :

— *"Los bienes que han sido adjudicados, bajo cualquer razón o pretexto, a Elisa Lynch por el tirano y a los que esta llamaba suyos, de precedencia anterior a estas donaciones o adjudicaciones, se declaran provisoriamente embargados para que sobre ellos puedan, en todo tiempo, hacerse efectivas las responsabilidades civiles o criminales a que deen logar las acciones publicas o privadas que a su respecto se deduzcan."*

O início da tragédia final... A "debacle" fulminante... Seguiram-se os tramites processuais da ação judiciária intentada perante os tribunais de Paris. Depois o embargo rumoroso de todos os bens. Em seguida o sequestro dos dinheiros e títulos depositados nos bancos europeus. Por fim a pobreza!

A morte na penúria, no abandono, no esquecimento foi o triste epílogo de uma vida de torpezas morais, de ambições desfrenadas, de conluios inconfessáveis, de amores escandalosos...

* * *

A Elisa Alicia Lynch de Quatrefages, — espôsa adúltera do naturalista francês que devotadamente se consagrara à ciência e tão infeliz fôra no recesso do lar que erigira cheio de esperanças e animado dos mais puros sentimentos de afeto — cabe tanta responsabilidade quanto a Francisco Solano López nas desgraças e desditas, que afligiram o infeliz povo paraguaio durante os tempos ominosos da tirania.

Não fôsse a mulher má e indigna que sempre se

CENTRO CULTURAL
"Prudente de Morais"
PIRACICABA — S.P.

revelou, — vaidosa, vingativa, mendaz, intrigante, constantemente ferida pelo acicate da ambição, egoísta, rapace e tôrpe; não tivesse todos êsses defeitos morais, essas taras mórbidas, êsses vícios hediondos, que fazem lembrar as messalinas mais cínicas e depravadas, que tingiram de sangue, enodoaram de misérias e mancharam de crimes as páginas secretas da história universal; não houvesse exercido no espírito do despota a influência nefasta, de que dão testemunho seus contemporâneos e oferecem atestados os historiadores mais insuspeitos da guerra, especialmente os paraguaios; — e talvez Francisco Solano López, apesar de perverso por índole e sensual por temperamento, não tivesse transformado a terra pacata, hospitaleira e boa que lhe servira de berço, em palco sinistro do mais tremendo e horripilante drama político-social, que ainda se desenrolou no cenário luxuriante e gigantesco do Novo Mundo!

Toro Pichai

O Paraguai, há pouco mais de dois meses, perdeu o maior dos seus historiadores contemporâneos.

Já septagenário, até aos últimos dias de sua vida Héctor F. Découd trabalhou sem cessar, com o mesmo entusiasmo e igual método da mocidade, no acabamento dos livros que tinha em preparo.

Ainda recentemente dera à publicidade curiosíssimo volume, repleto de informações inéditas, sôbre a vida, aventureira de Elisa Lynch, célebre concubina do despota hispano-guaraní.

Em tôda a sua obra volumosa, documentada, instrutiva — maximè na parte referente à Guerra da Tríplice Aliança contra a sua Pátria, que mais do que ninguém soube estremecer, honrar e servir com o esfôrço inaudito de meio século de labor fecundo — o estudioso insuspeito nota o espírito de serena imparcialidade com que expõe os fatos históricos, analisando-os, estudando-lhes as causas, examinando-lhes as conseqüências, focalizando, enfim, sem a preocupação de ódios raciais, de antipatias gratuitas ou apreços seródios, os indivíduos — soberanos, estadistas, generais, políticos e diplomatas — que tomaram parte direta ou indireta na grande tragédia, sul-continental, de que foi causador o monstruoso tirano Francisco Solano López.

Formado na mesma ordem de idéias, resta ainda ao Paraguai a figura veneranda do ilustre Cecilio Báez, atual reitor da Universidade Nacional, cuja atuação tem sido diuturna, pertinaz, ininterrupta no combate à corrente, cuja única finalidade é a reabilitação anódina da memória execranda de *El Supremo,* pelo que tanto se tem batido, no parlamento, na imprensa, nos livros, nos comícios, o solerte e maneiroso escritor Sr. Juan O'Leary, o mais desabusado e impenitente inimigo do Brasil na outra margem do rio-divisório.

A verdade, e os fatos mais recentes na política paraguaia aí estão para confirmá-la através da imprensa oficiosa, é que o govêrno do Sr. Guggiari, nada obstante a recepção cordial que recentemente lhe fêz o Brasil, estimula, insufla e acarinha a campanha impatriota de transformar a lembrança sangrenta do despota amoral em nume tutelar do povo oprimido e sacrificado pelas suas paixões vesânicas e pelos seus instintos bestiais.

Não creio, porém, que a opinião pública paraguaia tão ingênua e desmemoriada seja a ponto de esquecer todos os males, tôdas as desgraças, todos os opróbios, todos os vexames, tôdas as humilhações que causou ao país o regime férreo ali imperante nos tempos ominosos da tirania...

Não poderá admitir, em hipótese alguma, que se erija em símbolo do heroísmo e da coragem de um povo a carcassa daquele réu do hediondo crime de lesa-patriotismo, contra quem o Govêrno Provisório do após-guerra proferiu tremenda sentença, qualificando-o *"assassino del pueblo e de la nación paraguaya"*.

Os homens de responsabilidades na vida política e intelectual da república vizinha devem estar plenamente convencidos de que o Brasil não se empenhou na campanha contra Solano López com outro intuito que não fôsse o de libertar para sempre o continente do flagelo do despotismo.

Dentre êles o mais autorizado atualmente é Cecilio Báez.

Fazia praça dos mesmos sentimentos o saudoso Héctor Découd. (1)

Dêste tenho em mãos, neste momento, um dos livros mais documentados dos muitos que escreveu sôbre a guerra. Intitula-se *"La Massacre de Concepción"*.

Nas páginas dêsse volume preciosíssimo encontrei o perfil de um dos sequazes de Francisco Solano López — daquele que talvez mais se assemelhasse, na ferocidade, na sede de sangue, na insensibilidade moral, ao seu amo e senhor : — Gregório Benitez, mais conhecido pela antonomasia de *Toro Pichai.*

Pretendo, em linhas gerais, reconstituir-lhe a fisionomia criminosa.

* * *

Gregório era o seu nome. E não José, como inadvertidamente se refere o General Resquin, nas suas memórias.

Benítez não passara ainda até aos fins da guerra de simples *"sargento-mór"*.

---

(1) Vide página 63.

Coube-lhe um dia a missão sangrenta de promover, dirigir e executar o célebre massacre de Concepción.

Achava-se a fera em Tacuaral (hoje *Ipaçaraí*), à frente do comando do destacamento de vanguarda do exército paraguaio.

A sua ferocidade de instintos já o havia notabilizado no seio da tropa.

A sua fôrça física excedia a imaginação humana.

Quando Solano López decretou o sacrifício coletivo das populações indefesas de San Fernando, os carrascos, mal alimentados, indormidos, fatigados de longas caminhadas, não puderam cumprir a contento as ordens do tirano.

Os *"fiscales de sangre"* verificaram desde logo a necessidade de substituir os algozes extenuados por outros mais ágeis, mais lépidos, mais dispostos, mais destros.

O General Resquin, sob cuja chefia suprema se achava a praça de San Fernando, resolvera a pronta substituição. Braços mais vigorosos, foram selecionados. Pulsos de ferro, escolhidos a dedo. Músculos de aço, preferidos.

"El Supremo" havia mandado açoitar o populacho, vergastar a sociedade, prender e maltratar os oficiais decaídos da sua confiança, sumàriamente executar os soldados imprestáveis...

Resquin requintara na execução das ordens superiores.

Foi por essa época que se salientara e criara foros de celebridade o *"sargento-mór"* Gregório Benítez.

Estreou em San Fernando, *"azotando"* o subdito português Cândido de Vasconcellos, comerciante estabelecido em Barrero-Grande.

Pôsto que provada a inocência do prêso, o seu holocausto fôra deliberado pelos fiscais de sangue, em virtude do imperdoável delito de ser irmão do vice-cônsul de Portugal naquela localidade.

Vasconcellos, de tudo privado nas masmorras infectas, onde em vida fôra sepultado, sem alimentos, roupas em trapos, a pele sôbre ossos, ouviu petrificado a leitura da sua condenação : — receber 50 açoites !

Apenas desferidos 17 lançaços, caiu prostrado por terra, partido ao meio um dos braços, as espáduas em carne viva, arquejante, quase nos estertores da morte.

Após cinco sois de agonia, os algozes, abreviando-lhe o sofrimento, fuzilaram-no.

A estréia de *Toro Pichai* em San Fernando fôra destarte sensacional...

A fama da sua fôrça bruta, o prestígio da sua ferocidade, a insensibilidade dos seus nervos espalharam-se pelos acampamentos.

Tornara-se o instrumento predileto das vinganças premeditadas pelo General Resquin, o executor da confiança particular de Solano López.

Considerado, desde então, o melhor rebenque do Paraguai, rara a vítima que lhe suportara o pêso do braço hercúleo. Ao 20.º golpe, em via de regra, tombava desfalecida.

Em San Fernando grangeou notoriedade sem par.

Como recompensa pelos seus feitos, *"El Supremo"*

promoveu-o a Tenente. E logo depois a Capitão. As patentes do novo pôsto foram-lhe solenemente entregues por Solano López na presença dos oficiais do seu Estado-Maior, dos Generais do Exército, dos comandantes de corpos, todos formados em quadrado, ao centro o Marechal-Presidente.

* * *

Em razão do seu físico exótico, Gregório Benítez foi mimoseado pela ironia anônima com a alcunha de *Toro Pichai. Touro* — devido à sua fôrça taurina, brutal, animalesca. *Pichai* — em razão da sua cabeleira encarapinhada, hirsuta, semelhante ao pêlo irisado dos raros exemplares, então conhecidos, dessa raça de vacum, que se distinguiam pela sua resistência e fúria nas touradas da época.

Ao tempo em que o General Resquin comandava a praça de Concepción, a Benítez foi reservado o papel de espião (*pyragüe*), de que, aliás, se desobrigou com mestria singular.

No exercício do cargo, delatou famílias inteiras, violou lares respeitáveis, peitou serviçais e criados, ofendeu a dignidade da gente mais distinta e ilustre da terra, tais como os Irigoyen, os Ruda e outros.

Às ordens do monstro-mirim, digno discípulo do monstro-guassú, permanecia em Concepción, num destacamento de 2 *Acá-Ybotys*, pertencentes ao famoso esquadrão dos *Cabeças Floridas*.

Não houve ferocidade inaudita que os subordinados de *Toro Pichai* não tivessem impunemente praticado.

O destacamento *Acá-Yboty* era o terror de Concepción. Passeava pelas ruas da localidade, espaldeirando transeuntes, maltratando senhoras, desrespeitando filhas de família, humilhando pessoas das mais consideradas do lugar.

Resquin jamais ousara advertir, quanto mais cercear os abusos do seu preposto... Parece que, no fundo, também o temia... É que *Pichai* fàcilmente poderia intrigá-lo com *"El Supremo"*. E o seu destino seria, na certa e infalìvelmente, o mesmo reservado às vítimas de Concepción...

* * *

Vitoriosas as armas aliadas, abatido o tirano, aniquilado o exército inimigo, *Toro Pichai* caiu prisioneiro. E foi pelo comando em chefe das tropas brasileiras entregue ao Govêrno Provisório do Paraguai.

Apesar de bem vigiado conseguiu, entretanto, evadir-se na noite de 14 de outubro de 1870, escapulindo do Departamento da Polícia de Assunção para ir homiziar-se na casa de um irmão, em Ita-Cocué.

Apesar da confiança a que se alcandorara no conceito de Solano López, nada obstante o prestígio conquistado junto aos Generais do Exército paraguaio, nunca *Toro Pichai* conseguira impôr à simpatia de Elisa Lynch, a quem, apesar de tudo, costumava presentear com joias, objetos de arte e até utensílios domésticos, que extorquia às damas de sociedade.

Por insinuações da concubina, *El Supremo* acabou

por mandá-lo prender. Isso ocorreu em Concepción, em conseqüência de haver exorbitado das ordens recebidas.

Recambiado para o Azcurra, ali deveria receber o castigo, que merecera pelos seus abusos.

Nesse interim, Peribebuy caíra em poder das fôrças aliadas.

O exército paraguaio, abandonando precipitadamente os acampamentos do Azcurra, deixara os prisioneiros entregues à sua própria sorte.

Logo se espalhara a notícia da prisão de *Toro Pichai*. Alarmados, apavorados, os 5 *cabeças-floridas*, sob seu comando, fugiram desabaladamente de Concepción, internando-se nas matas vizinhas. Nunca mais dêles se obtêve vaga informação. Talvez houvessem morrido ao abandono, extenuados de cansaço e fome. Quiçá perecido aos ataques das feras ou dos índios.

Seja como fôr, fato é que dos 5 componentes dêsse destacamento dos *Acá-Ybotys* nenhum mais voltou ao grêmio da civilização...

* * *

O número das vítimas pessoais de Gregório Benítez, — segundo o autorizado cálculo do Dr. Héctor Découd, baseado nos processos que compulsou, nos documentos que passaram pelas suas vistas perscrutadoras, nos depoimentos das testemunhas ouvidas, — sobe à cifra fantástica de 139, das quais 48 tombaram em Concepción agonizantes aos seus pés, abatidas ao pêso do seu rebenque, vergadas à fúria dos seus músculos de aço.

Digno discípulo de Francisco Solano López, Gregório Benítez integra-se necessàriamente no capítulo das crudelidades, dos morticínios, dos vandalismos, com que "*El Supremo*" celebrizou perante a História a sua passagem funesta pelo govêrno da infeliz República sul-americana, que o Brasil, com a colaboração da Argentina e do Uruguai, libertou da mais vergonhosa e degradante tirania, que ainda imperara no Continente de Colombo.

* * *

Extraído do "*Jornal do Commercio*", de 14 de janeiro de 1931, é devido êste perfil do ilustre Héctor F. Découd à pena do meu brilhante confrade e prezado amigo Dr. Octavio Brito:

"Desde 26 de dezembro último, repousa no cemitério de Recoleta, em Assunção, no sítio pitoresco de Vila Morra, o Dr. Héctor F. Découd, ilustre historiador paraguaio, descendente de uma das mais augustas famílias de sua terra.

O Sr. Héctor Découd era, das figuras da *élite* paraguaia, talvez a mais ligada às coisas do Brasil.

Sua linda residência, na Avenida Venezuela, cercada de flores e de árvores, era um ponto de visita indispensável de todo o brasileiro que passasse pela cálida e enleiadora capital, que descansa tranqüilamente à margem do rio Paraguai, êsse Reno lendário da raça guaraní.

Na *Choza Adelina*, abundavam as recordações da nossa história e por todos os cantos havia lembranças do Brasil.

Historiador de verdade, com o senso profundo da justiça, Héctor Découd, em meio de sua biblioteca e de seu preciosíssimo arquivo, trabalhava incessantemente para o futuro. Grande paraguaio, descendente de um dos próceres do movimento libertador de sua Pátria, o eminente jornalista coronel Juan Francisco Découd, um dos redatores da Constituição política do Paraguai, em 1870, irmão de José Segundo Découd, diplomata e homem de Estado, o Dr. Héctor Découd soube, em sua longa e proveitosa vida, fazer honra à nobre estirpe de que proveio.

Deputado e jornalista, fundou, em 1885, *El Heraldo,* em que realizou brilhantes campanhas liberais, pondo em relêvo seus dotes de cultura e seu vigoroso talento. Ao mesmo tempo, ao lado das campanhas políticas, agitava o Dr. Découd polêmicas históricas, sobretudo a respeito da Guerra do Paraguai, em que seu pai e irmãos e êle próprio haviam tomado parte. O ilustre varão Juan José Découd vivia emigrado em Buenos Aires, por não se haver conformado com a tirania dos López. Héctor, ainda criança, teve de marchar com os exércitos do tirano e foi testemunha dos horrores da retirada, até ser feito prisioneiro em Peribebuy.

Seu pai organizou, em Buenos Aires, a Legião Paraguaia, que combateu nas fileiras aliadas, fêz parte do Estado-Maior em Caxias e com êle entrou em Assunção em 1869. Foi na residência da família, à Avenida Venezuela, onde acaba de falecer o Dr. Héctor Découd, que o generalíssimo brasileiro viveu durante o tempo que estêve em Assunção.

Dessa ligação de sua família com o Duque de Caxias provém o precioso arquivo de coisas brasileiras que possuia o Dr. Héctor Découd, especialmente no que se refere à ação das nossas fôrças na guerra de 65 a 70.

Suas obras são valiosos documentos históricos e pintam, com um cabedal riquíssimo as principais fases da campanha de 1865 a 70.

"Una década de la vida nacional" — "La masacre de Concepción" — "Los emigrados paraguaios en la guerra de la Triple Alianza" — "Dos paginas de sangre", são contribuições para estudo de uma época, em que está estreitamente entrelaçada a nossa história.

Além dessas obras, tinha o Dr. Héctor Découd já prontas ou quase terminadas uma biografia de Mme. Lynch, a célebre cortezã de López, um volume sôbre "La Convencion Nacional Constihuyente y la Carta Magna de la Republica", que deveria aparecer por ocasião do aniversário do juramento da Constituição do seu país.

A morte do Dr. Héctor Découd representa uma grande perda para o Paraguai, cujas letras se enriqueceram com sua obra de probo e erudito historiador. O Brasil perde um amigo sincero e leal, que soube fazer justiça aos nossos propósitos e estudar à luz da verdade a participação nossa na campanha de 65. Não fazia obra partidária, mas de historiador probidoso e sensato e, quando tinha de censurar, não ocultava seus conceitos, com a mesma sinceridade com que fartas vêzes restabeleceu a verdade sôbre a nossa ação no passado."

Fidel Maíz

Na galeria dos tipos execrandos de facínoras e energumenos, que constituiam a *"entourage"* de Francisco Solano López, ocupa o Padre Fidel Maíz lugar de destacado realce.

Depois de ter sido vítima da sanha fóbica do tirano lôbrego, por cálculo ou covardia se tornou um dos seus mais ardorosos panegiristas e incondicionais servidores.

Êle próprio confessa-o na célebre carta que do retiro silencioso de Arroyos y Esteros, dirigiu, a 10 de junho de 1906, ao inveterado brasilófobo e mirabolante historiador lópezguaio Sr. Dom Juan O'Leary :

"Un mes y dias después de la muerte de don Carlos, el 16 de Octubre, el general López subió al mando supremo de la Nación; y de alli, otro mes y dias, el 2 de diciembre, ya comenzó con las prisiones y torturas de cuantos no habian sido afectos a su election, o que simplesmente fueron notados de frialdad con él. Me culpo a mi ser el primero de los caidos, y tras de mi más de cuatrocientos desgraciados!..."

Pôsto que mau psicólogo, *"El Mariscal"* descobriu logo no Padre Maíz o especime admirável de auxiliar, de que necessitava, para a consumação *"legal"* dos crimes premeditados no seu cérebro de tarado sanguinário.

Tão bem se afeiçoara Maíz ao seu amo e senhor, tão perfeitamente com êle se identificara, que não se pejava de, traindo os deveres de *munus* sacerdotal, cumprir tôdas as ordens emanadas do monstro, a respeito do qual costumava, sem rebuços dizer : *"É mais do que Deus! Eu creio primeiro no Marechal e depois em Jesus Cristo, porque López o contém todo, inclusive a divindade."*

* * *

"El Supremo", devassando fundo a alma torva do infeliz, escolheu-o para, em companhia de outro sacerdote, o presbítero Román, constituir o segundo tribunal de sangue, dos seis que, em San Fernando, criara para julgar os "conspiradores".

Ao lado dos dois juízes ou fiscais funcionava como secretário o jovem Euzébio Cienfuegos, que fôra discípulo de Maíz, ao tempo em que êste exercera a reitoria do Seminário de Assunção.

* * *

Fidel Maíz, era, nessa época, um belo tipo de homem.

Manuel Galvez pinta-lhe o perfil com estas palavras veramente sugestivas : — *"Inteligente e culto, orador impetuoso, temperamento apaixonado. Tinha uma fisionomia arrogante e teatral; cabeça harmoniosa, olhos negros e vivos, rosto virilmente belo, andar majestoso."*

Durante quatro anos a fio, López mantêve-o prêso nos ergastulos mais infectos da capital paraguaia.

Recuperada a liberdade, Maíz tratou de captar as simpatias do tirano, endeusando-o num artigo estampado no *"Semanário"*.

Designado *"fiscal del sangre"*, requintou em crueldade para com os acusados, desejoso de cada vez mais granjear a confiança e o apreço do *"Mariscal"*.

Com revoltante insensibilidade insultava, humilhava e agredia os presos que se não confessavam "conspiradores".

Rindo, como um desalmado, mandava açoitá-los, espaldeirá-los e aplicar-lhes a *"uruguayana"*.

Se o infeliz, exausto de sofrer, exangue, sem fôrças, extenuado, baqueava, desmaiava, desfalecia, no fim de curto prazo lhe infligia novas torturas.

A ninguém poupou, durante o tempo em que exerceu a judicatura infame.

Os homens mais ilustres do país, as figuras mais representativas da administração pública, as senhoras mais distintas da sociedade paraguaia, os vultos mais notáveis da política e da vida social eram vítimas indefesas e imbeles da sua insaciável sede de bajulação ao despota.

José Berges, ex-ministro de Estado e talvez o espírito mais culto daquela época, foi por êle seviciado no rancho ignóbil onde vegetava, imobilizado pelas chagas que lhe apostemavam os ombros, as costas e as nádegas.

Benigno e Venancio López, irmãos de Solano, o

CENTRO CULTURAL
"Prudente de Morais".
PIRACICABA — S.P.

Bispo Palacios, o General Barrios, Juliana Insfrán, Dolores Recalde, Mercedes Ebuzquiza, Juana Carrillo, mãe do tirano, o presbítero Eugenio Bogado, o Capitão Fidanza, o Coronel Paulino Alén, o Padre Juan Bautista Zalduondo, Innocencia López de Barrios e Rafaela López de Bedoya, estas irmãs do "*Mariscal*", foram outras tantas vítimas do Padre Maíz.

Tamanhas foram as crueldades por êle cometidas que não podia permanecer a sós nem meia hora.

"*Temia as acusações da consciência. A sua pobre alma não suportava o achar-se insulada nos seus grandes crimes. Era-lhe indispensável a companhia de um ser humano para não desesperar, para não perder a razão.*" Não era para menos. Sôbre seus ombros pesava como chumbo a responsabilidade pela morte de uma infinidade de inocentes.

Em San Fernando, de agôsto a novembro do último ano da guerra, condenou à pena capital cêrca de 250 pessoas!... A 22 de agôsto foram fuzilados 85. A 27 de setembro 52. A 10 de novembro, 60. A 11 de dezembro, 49.

* * *

Numa famosa carta que, ainda de Arroyos y Esteros, dirigiu, a 12 de setembro de 1905, ao Sr. M. L. Olleros, Fidel Haíz afirma :

"*Respecto a los castigos de la madre, poco faltó para que yo fuese victima de la ira del mariscal. Movido por un impulso de humanidad, me aventuré a favor*

de ella, y usando de la suma del poder que investia, la perdonase sin someterla a la acción de la justicia criminal a cargo de un tribunal militar."

É a mais refalsada das hipocrisias. A verdade é que, em Zanjajhu, pelos fins de dezembro de 1869, Maíz redigiu, conforme as instruções prévias de López, o ofício de acusação contra D.ª Juana Carrillo.

Interrogada a respeito da suposta "conspiração", a mãe do despota negou a pés juntos a sua copartipação.

Desde logo foi submetida às maiores vexações. Insultaram-na. Cobriram-na de baldões. Ofenderam-lhe, de forma brutal, os melindres de mulher.

A tudo assistia Maíz impassível, sorridente e satisfeito.

Septuagenária, doente e acabrunhada pelos maus tratos, obrigaram-na, entretanto, a permanecer de pé durante todo o interrogatório e as infindáveis acareações, que duravam horas a fio.

O famigerado Coronel Aveiro, de uma feita, para obrigá-la a levantar-se do chão, onde se rojara de cansaço, aplicou-lhe violento panaço com a espada.

Maíz, que dirigia a sessão do tribunal, e ditava à sua feição e gôsto os depoimentos, deu então na pobre velha brutal bofetada, em pleno rôsto. *A anciã mirou-o aterrorizada e pôs-se logo a chorar.*

* * *

O Dr. Antonio de las Carreras, oriental ilustre que, pouco antes da guerra, fôra a Assunção, em missão es-

pecial do govêrno de Montevidéu, homem culto e educado, pôsto que profundamente nervoso, em razão da sua saúde precária e da sua idade avançada, também pagou bem caro o seu quinhão de sofrimentos perante o desabusado *"fiscal del sangre"*.

Acusado de conivência numa "conspirata", Maíz pretendeu forçá-lo a uma confissão monstruosa : — a de ter assinado, com outros onze "criminosos", na quinta de José Berges, em Salinares, uma ata, em que se comprometiam a organizar um movimento sedicioso, e, caso êste fracassasse, a assassinar *"El Presidente López"*.

Não assinei, — jurava De las Carreras.

— *Cabo da guarda,* — vociferava Maíz — *"uruguayana" neste, — traidor.*

Seis espingardas nas costas e uma debaixo dos joelhos, amarradas com fortes guascas. O desgraçado diplomata, aguilhoado, exangue, desmaiado caiu por terra, imprensado, com a cabeça tocando os joelhos. Os ossos do infeliz macabramente rangeram. A palidez do rosto denunciava os prenúncios da morte.

Dêle se aproximou Maíz e intimou-o cara a cara a confessar o tremendo delito... De las Carreras timbrou em negá-lo. O verdugo alucinado pela fúria pediu um martelo. Mandou arrastar o prêso até junto à mesa desconjuntada, sôbre a qual o secretário Cienfuegos escrevia os depoimentos. Ordenou que lhe fixassem a mão direita. E, um a um, foi esmagando a marteladas os dedos do processado. E à proporção que os esmigalhava, furibundo, colérico, tonitroante, ia dizendo : — *Para que*

não possas comunicar ao teu país nada do que tem sido feito no Paraguai...

Desta catadura horripilante foi o padre sem consciência que, mais de uma vez, prostituira o Santo Sacramento da Penitência, a fim de extorquir confissões indébitas a indivíduos, que se haviam tornado suspeitos ao tirano, que êle considerava *"o Cristo do povo paraguai"*.

Felizmente que o presbítero Maíz é uma exceção dolorosa no seio do clero abnegado e zeloso daqueles tempos ominosos de escravidão do povo paraguaio.

O episódio de Cerro-Corá

A propósito do episódio de Cerro-Corá, ocorrido a 1.º de março de 1870, — episódio que foi o epílogo da campanha militar da Tríplice Aliança contra o mais sanguinário e execrando despota que infelicitou as terras americanas, Francisco Solano López, e em virtude do que teve têrmo definitivo o mais bárbaro e vergonhoso despotismo, que ainda imperou neste Continente, — os olearys daquém e dalém fronteiras sempre se assanharam e empavesaram no afã ridículo de exaltar a famigerada memória do tirano, pretendendo nimbá-la à fina fôrça com o halo do heroísmo e da glória.

Esfôrço inútil e perdido dos lópezguaios de todos os matizes e cataduras desta e da outra margem do rio Paraná!

Debalde a tentativa de reabilitá-la, de vez que está sobejamente provada, com o testemunho presencial dos contemporâneos, a covardia inominável com que se houve o *famoso* caudilho nesse transe derradeiro, quando o destino lhe ofereceu ensejo para evidenciar a sua decantada coragem e perpetuar, quando mais não fôsse, na etapa final da guerra, a frase retumbante com que dissolveu a última reunião do seu conselho de guerra, momentos antes do ataque das fôrças brasileiras: — *Bien, peleemos hasta que muramos todos.*

A apóstrofe teatral foi dirigida aos seus comparsas mais graduados : — o Coronel Caminos, Ministro da Guerra, os Generais Resquin e Delgado, o Coronel Centurión, o Comandante Palacios, os Coronéis Aguiar, Abalos e Aveiro e os Padres Fidel Maíz, Espinosa e Medina.

Enquanto o conselho se reunia para deliberar *si convenia al ejército refugiarse en las cordilleras immediatas,* ou melhor seria esperar o ataque *peleando hasta morir,* o Coronel Moreno, cumprindo as ordens de López, colocava-se em posição de defesa com uma bateria de quatro peças no passo do Aquidaban.

Poucos instantes depois, duas brigadas brasileiras, uma sob o comando de Floriano Peixoto e outra de Bento Martins, atravessavam, sem a menor resistência da artilharia paraguaia, o pôsto avançado do inimigo.

Os quatrocentos homens, de que então dispunha o despota, — todos fatigados, exaustos, famintos, mal municiados, inteiramente desalentados, — eram insuficientes para enfrentar a avalanche...

Cerradas ràpidamente as fileiras paraguaias, López tratou de colocar-se a resguardo, tomando posição na retaguarda.

As brigadas brasileiras avançaram céleres, com a artilharia no centro e a cavalaria dividida em colunas aos flancos, cortando violentamente a retirada ao inimigo.

O fogo nutrido das colunas brasileiras dizimava em massa a tropa paraguaia.

Reconhecendo de pronto a impossibilidade de lutar, tal a superioridade numérica verificada a um golpe de

vista no campo adverso, *López dobla las riendas del caballo y pronunciando las palabras — seguidme ! — se dirige al galope al montecillo opuesto.*

A fuga afigurou-se-lhe, naquela hora trágica, o recurso supremo e decisivo... A poltronaria revelando ainda uma vez o homem...

Esquecera-se já então do juramento minutos antes proferido em presença dos membros do Conselho de Guerra do seu Exército.

Soara a hora em que, pela última feita, deveria mostrar-se aos olhos dos seus contemporâneos aquêle que realmente sempre fôra : — covarde, pusilanime, medroso !

Fugindo, — eis como Francisco Solano López pretendeu escapar ao inimigo vitorioso na ação rápida de Cerro-Corá.

* * *

Tenho adotado como norma de conduta o critério inalterável de louvar-me, sempre que me ocupo de questões atinentes à guerra da Tríplice Aliança, na opinião dos escritores paraguaios ou platinos, quando não busco de preferência apoio no testemunho insuspeito e autorizado dos coevos do próprio tirano.

Para não ser acusado de parcial e apaixonado, costumo propositadamente deixar à margem os preciosos subsídios que os nossos historiadores acumularam em anos de labor exaustivo e pesquisas beneditinas, timbrando até no exagêro de nem sequer citar as ordens

do dia e as partes oficiais dos nossos Generais e cabos de guerra.

É que me convenci da procedência dêste brocardo popular : — com o pêlo do cão deve-se curar a mordida do bicho...

Com a farta documentação, que me tem vindo do Paraguai, prefiro deleitar-me, e com ela fàcilmente vou *desfazendo a pouco e pouco as insídias do olerismo* brasilófobo, de mãos e ilhargas unidas às patranhas do lópezguaismo delirante.

Com êsses elementos nada me custa repôr nos seus devidos termos a verdade histórica que o ódio, a inveja, o despeito, a mentira têm em vão pretendido desfigurar, em prejuízo dos créditos e do renome do Brasil, servindo *assim, à ambição, à vaidade, ao orgulho, à megalomania* de uns tantos energumenos, que ainda anseiam por separar-nos seròdiamente do povo vizinho e hoje amigo, por nós libertado da tirania e opressão.

* * *

Relativamente ao feito militar de Cerro-Corá sobram testemunhas presenciais e excedem às minhas necessidades de argumentador impenitente as opiniões insuspeitas dos maiores historiadores paraguaios.

Posso servir-me, por exemplo, do depoimento, até hoje nunca pôsto em dúvida por quem quer que seja, do ilustre jornalista Ignacio Ibarra, fundador e diretor de *"La Democracia"*, em cujas colunas estampou, a 1.º de março de 1885, — quinze anos precisamente depois

da derrota de Cerro-Corá, — notabilíssimo e documentado artigo de sua lavra, no qual censura em termos acerbos o govêrno despótico de López II e confirma plenamente a sua vergonhosa fuga do campo de ação.

Ibarra atuou muito tempo no Quartel-General do tirano. A êle serviu com verdadeira dedicação até ao último instante. Revelou-se-lhe sempre de uma solicitude sem limites e de uma devoção sem peias.

Ouçamo-lo, pois :

"López con su ejército cercenado y pobre, más por la miseria que sufria y por las matanzas que el propio ocasionaba en sus filas, que por las balas enemigas, habia llegado a Cerro-Corá depués de infinitas marchas y contramarchas, a los seis mezes después de haber abandonado sus posiciones de Azcurra."

López, no decurso dêsse semestre, percorrera a rota que vai do Azcurra a Cerro-Corá, deixando atrás de si uma esteira de agonizantes e cadáveres...

Mais de cinco mil homens e outras tantas mulheres e crianças tombaram desfalecidos e moribundos em caminho, enquanto o algoz do povo guaraní prosseguia em fuga desordenada pelas cordilheiras...

A sua máscara neroneana, nada obstante tôdas essas desgraças, conservava ainda a impassibilidade e a calma de outrora.

"Su corazón poco a poco endurecido por la pratica incesante de atroces crimenes, sin duda ya estaria totalmente petrificado en aquel entonces. El hombre ya non se paraba en nada; era implacable como la muerte, y bastábanle los más fútiles pretextos o las más ligeras

sospechas para arrancar a lanzazos, con pasmosa frialdad, la vida a sus subordinados."

Francisco Solano López não deve ser incluído na classe comum dos tiranos vulgares.

Como sensatamente Ignacio Ibarra lhe diagnosticou a nevrose, *"él ha sido un gran tirano, cruel y bárbaro hasta la última acepción de la palabra, que no ha respetado nada, nada, absolutamente nada, ni los mismos vinculos de la familia"*.

Atacado no reduto de Cerro-Corá, em vez de resistir, de combater, de derramar o sangue no campo da luta, de oferecer a vida em holocausto à pátria que arruinou, degradou e humilhou, preferiu covardemente *"doblar las riendas de su boyo y dirigirse al galope al montecillo opuesto"*.

Aí está um depoimento de valia histórica, que os olearistas e os lópezguaios são incapazes de invalidar. . ., por mais garridos os palões da sua dialética.

* * *

O Coronel Silvestre Aveiro, a cuja fidelidade López confiara a guarda de sua própria mãe e de suas duas irmãs já condenadas à morte, foi um dos oficiais da sua maior confiança.

Êsse testemunho merecerá naturalmente o crédito dos nossos adversários.

Aveiro estêve em Cerro-Corá desde 14 de fevereiro até 1.º de março 1870. Assistiu à reunião do último conselho de guerra. Recebeu, logo depois disso, ordens

do tirano no sentido de reunir tôda a tropa existente no Quartel-General para enfrentar o inimigo, que se aproximava. Foi quem aprestou o carro, em que a famosa Lynch deveria evadir-se, antes de travada a batalha. Ouviu, por fim, o diálogo que se travou entre o despota e sua mãe Juana Carrillo e suas irmãs Innocencia de Barrios e Rafaela de Bedoya :

— *"Socorro Pancho!"*, gritavam as três infelizes prisioneiras.

— *"Fiense señoras de su sexo"*, — e prosseguiu, desabalado, na fuga inglória...

Quase ao tingir o arroio, seguido sempre de Aveiro e do Capitão Cabrera, foi o fugitivo alcançado por seis soldados da cavalaria brasileira que lhe cortaram a retirada, intimando-o a render-se.

Onde, pois, a sua propalada coragem, se, em vez de resistir ao inimigo, tentou ignominiosamente fugir, abandonando à própria sorte sua mãe, suas irmãs, seus conselheiros, seus oficiais, suas tropas ?

* * *

O General Resquin foi, sem favor à sua memória, dos mais dedicados auxiliares do *"Mariscal López"*.

Descrevendo o fracasso de Cerro-Corá, nestes termos se exprime essa testemunha ocular :

— *"El Mariscal, con su estado mayor, tomo otra dirección, hacia el paso de abajo del Aquidabán, teniendo que atravesar un pequeño arroyuelo, pero antes de peer llegar al citado arroyuelo, el Mariscal fué alcançado por un regimento de caballeria enemiga."*

CENTRO CULTURAL
"Prudente de Morais"
PIRACICABA — S.P.

Evidente que não resistiu. *"El testigo de Resquin es irrecusable."*

* * *

A palavra de pêso e medida do Sr. Héctor F. Découd não pode ser olvidada nesta hora de reivindicação histórica.

Da sua pena prestigiosa caiu a descrição lacônica, assim mesmo emocionante, da última cena ocorrida entre López e o Coronel Aveiro.

Nas linhas paraguaias reinavam a confusão, o terror, o pânico. Soara a hora do *"salve-se quem puder"*. O Marechal já havia dado o exemplo... Os demais seguiam-lhe a rota.

Aveiro, cónscio, apesar do tumulto generalizado, dos deveres de chefe do Quartel-General, sob cuja guarda se achavam os presos inclusive as senhoras Carrillo, Barrios e Bedoya, ainda teve a presença de espírito necessária para inquirir de López:

— "E. S., *puedo retirar aquel piquete?*", apontando a escolta, que cercava o carro-cárcere, onde se achava enjaulada a família do tirano.

— *"Immeditamente"*, redarguiu-lhe o interrogado.

— *"E las señoras cómo quedan?"*, — ainda objetou o Coronel.

— *"Que ellas se avengam como puedan"*, — e prosseguiu, insensível e cruel, na disparada vertiginosa para o arroio Aquidabán-nigui...

* * *

Ser-me-ia fácil citar outros depoimentos de respeitabilidade indiscutível, — todos acordes em relegar ao plano do ridículo e da inverosimilhança a balela histórica, que pretendeu transformar em coragem, valentia e destemor a miséria moral, a insensibilidade mórbida, as taras criminais, a covardia congênita, a perversidade inata do monstro paraguaio.

Pois nem morrer soube em Cerro-Cora !...

Bem razão teve o eminente jurisconsulto e probíssimo historiador paraguaio Dr. Cecilio Báez, ao proferir de López êste juízo tremendo :

"López hizo la guerra en la misma fórma en que la hicieron los conquistadores bárbaros, como Atila: estes monstros arreaban a sus pueblos, llevándolos por delante como se conduce una manada de animales al matadero. López en el Paraguay hizo lo mismo."

X

A Padroeira de Assunção

A 24 de agôsto de 1535, em demanda das terras misteriosas do Novo Mundo, partia de Bonanza, na Espanha, a primeira expedição militar ao Rio da Prata, sob a chefia suprema de D. Pedro de Mendoza.

À esquadra agregaram-se, como de costume na época, vários navios mercantes, entre os quais a caravela *La Concepción,* de propriedade do pilôto Diego Garcia e comando de Diego Mendoza.

Aportando às Canarias, Garcia sùbitamente enfermou.

A 28 de setembro, depois de haver outorgado testamento, em virtude do qual legava os bens que possuía, inclusive a pequena embarcação em trânsito, à viúva e aos filhos, entregou cristãmente a alma ao Criador.

La Concepción, de acôrdo com as disposições de última hora do seu proprietário, ficou em poder de D. Pedro de Mendoza, que deveria restitui-la aos herdeiros *cuando le pareciera conveniente o quisiera, sin estar obligado por ello a satisfacer suma alguma.*

Embarcação bastante usada, de pequena tonelagem, mastreação velha, velame gasto, mal resistiu aos perigos da travessia marítima.

Arribada a Buenos Aires, depois de rigorosa perícia procedida pelos técnicos navais, foi considerada inapta

para a navegação transoceânica e imprópria para a fluvial.

Em conseqüência, rebaixaram-na à categoria de bergantim.

Desde então passou a ser empregada nos serviços de transporte de víveres das ilhas do delta para o continente firme.

* * *

Em lugar proeminente na câmara de comando da caravela, sôbre altar de madeira, perenemente iluminado pela chama mortiça de um candieiro de azeite, ostentava-se linda imagem de Nossa Senhora da Conceição.

A benígna e misericordiosa Padroeira presidia à vida comum de bordo, *en sus multiples y variadas manifestacionaes — los rezos cotidianos, las conversaciones sostenidas durante las veladas, alternadas con la lectura del* "Año Cristiano", *libro que nunca faltó entre las manos españolas; y desde alli escucharia alternados los relatos de las pasadas aventuras, los desengaños sufridos al tocar las realidades de la vida, los proyectos de grandeza futura despertados al oir en España los relatos de las riquezas fabulosas recientemente adquiridas en México, y el Perú; tambien oriria las promesas de los tripulantes y sus interjecciones tan sonoras usadas entre la soldadesca y gente de mar, en todos los tiempos.*

* * *

Após a fundação de Buenos Aires, pouco meses apenas decorridos, resolveu D. Pedro de Mendoza cometer a seu substituto, o Capitão Juan de Ayolas, a incumbência de explorar o Rio Paraná, remontando-o até descobrir *territorio más de acuerdo con las necesidades suyas o el camino a las regiones de la plata.*

Na primeira quinzena de outubro de 1536, uma pequena esquadra, composta de três navios, entre os quais *La Concepción,* velejava rio-acima.

Viagem tormentosa, cheia de aventuras e perigos!

Segundo a narrativa emocionante de Francisco de Villalta *eram tan males los tiempos que en esta tierra hacia, que visiblemente parecia que en los aires hablaban los demonios.*

Pouco antes de atingir a foz do Rio Paraguai, o bergantim *La Concepción,* mal reparado em Buenos Aires, não resistindo mais as intempéries, fendeu no casco, começou a fazer água e acabou naufragando. Grande parte do carregamento e tôda a tripulação foram salvos. Os náufragos, abrigados a bordo das outras naus. A imagem da Padroeira — esta mereceu no transe aflitivo a suma dos carinhos e desvelos dos expedicionários.

Prosseguindo na rota, aportaram os navios restantes a uma enseada, a que o Capitão Ayolas batisou com o auspicioso nome de "Candelaria".

Aí a esquadra lançou ferros.

Reunidos em conselho os "principais" de bordo, ficou deliberado que a expedição nessa etapa se dividiria em duas caravanas. Uma sob a chefia do próprio

comandante, internando-se no Chaco, de onde aliás nunca mais haveria de regressar... Outra permanecendo em Candelaria às ordens do Capitão Domingo Martinez de Irala.

Nove meses decorridos, só então chegaram ao sítio os primeiros socorros enviados por D. Pedro de Mendoza. Portador dêles, — o Capitão Juan Salazar de Espinosa.

Tão críticas se tornaram as condições de vida, — tais a hostilidade contínua dos índios e a deficiência alarmante dos víveres, — que os dois Capitães, compenetrados da gravidade do momento, acordaram de procurar abrigo mais seguro no pôrto de "Carios", onde de outra feita, haviam sido bem recebidos pelos naturais da terra e, com relativa facilidade, certamente poderiam abastecer-se à vontade, ao mesmo tempo que reparar as embarcações, vergastadas pelos temporais contínuos.

Ali, enquanto se procediam aos concertos indispensáveis nos barcos de Irala, resolveram fundar uma *casa forte*, que *"seria un lugar de abrigo y refuerzo para los navegantes llegados del Rio de la Plata"*.

Salazar tomou a ombros o encargo de executar o plano, enquanto Irala, regressando a Candelaria, iria em busca de notícia de Ayolas.

A 15 de agôsto de 1537, sob a invocação de "*Nuestra Señora de la Assunción*", dava-se início à construção da casa-forte e das paliçadas de defesa.

Ao instalar-se em terra a guarnição de Salazar, foi solenemente desembarcada de bordo a imagem de Nossa

Senhora da Conceição, que Irala lhe confiara a guarda e zêlo.

Desde essa data memorável, ficou a futura cidade de Assunção sob o patrocínio da Mãe de Deus.

Quatro anos mais tarde, comprovada a morte de Ayolas, Irala, no caráter de *"Teniente de Gobernador"*, assumiu automàticamente o comando supremo dos espanhóis, resolvendo, depois de prévia consulta e conseqüente aprovação dos *"Oficiales Reales"*, despovoar os núcleos fundados à margem do Rio Paraná, a fim de concentrar as populações dispersas num ponto estratégico, onde a defesa comum estivesse devidamente assegurada e as atividades dos colonizadores pudessem desenvolver-se e ampliar-se em benefício de cada um e em proveito da coletividade.

Em pessoa partiu para Buenos Aires, de onde em 1541 regressou à Assunção, disposto a transformar a precária casa-forte, erigida provisòriamente por Salazar, numa fundação definitiva, em proporções maiores, ocupando a área de terreno necessário para o estabelecimento de uma futura cidade.

Em tempo relativamente curto conseguiu executar e quase concluir o plano esboçado.

A 3 de outubro de 1556, entretanto, falecia sem ter tido a ventura de inaugurar a catedral, sob cujas arcadas desejava se perpetuasse, através dos tempos, o culto da imagem milagrosa que Diego Garcia trouxera da pátria distante no bôjo da caravela "La Concepción".

* * *

A padroeira da terra universalizara-se sob o nome guerreiro de *"La Conquistadora"*.

Desde a morte de Irala, sua filha Ursula, casada com o Capitão Alonso Riquelme de Guzman Y Ponce de León, se manteve na posse da preciosa relíquia.

De geração em geração foi ela passando aos descendentes do *"Teniente de Gobernador"*.

Em meiados do século XVIII achava-se nas mãos piedosas de Lorenza Delgadillo, que, com seu marido General D. Juan Antonio de Zavala, lhe tributava acendrado culto.

O povo paraguaio, nada obstante a tradição estranhava que fôsse venerada sob o título de Nossa Senhora da Assunção a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Tão insistentes se tornaram os comentários, tão vivas as reclamações, que o cônego Dr. Don Alonso Delgadillo y Atienza, tio carnal da senhora Gavala, resolveu por sua conta e risco mandar vir de Nápoles a efígie da Virgem, sob a invocação desejada pelo povo.

Em 1742 recebia a encomenda.

Ofertando-a à sobrinha, em vez de doá-la à catedral, evidentemente demonstrou que havia desistido da primitiva idéia de fazê-la substituta de "La Conquistadora" na veneração popular.

Espalhada, porém, a notícia alviçareira, a insistência dos pedidos redobrou.

O casal Zavala, premido pelas circunstâncias, teve que ceder aos desejos gerais, anuindo às sugestões da Cúria.

Achou, entretanto, que deveria impôr, como real-

mente o fêz, a condição de permanecer a imagem *"a su cargo y conservando su propriedad, aun cuando fuera llevada a la Catedral los dias de su fiesta anual para tributarle, alli los honores de rigor por las autoridades competentes y recebir el sufragio de sus fieles"*.

Em virtude dessa deliberação, *"La Conquistadora"* foi despojada de suas prerrogativas de Padroeira do Paraguai, embora permanecendo em poder da família Zavala.

Ainda no século XIX, uma neta de Lorenza Delgadillo, a senhora Petrona Rafaela de Zavala, viúva do Capitão Juan José de Machain, cedendo aos rogos reiterados de sua filha Martha, adornou ainda uma vez suntuosamente a relíquia tradicional, entronizando-a em rico e majestoso altar para a solenidade do desfile da procissão de *"Corpus-Christi"*.

Vendo-a certa feita, e conhecendo-lhe a história, manifestou o primeiro López, — Carlos Antonio, — *"el deseo"* de possui-la no oratório presidencial.

Finda a guerra da Tríplice Aliança, só então se divulgou a desoladora notícia do seu desaparecimento.

As investigações cuidadosas se procederam por tôda a parte.

Felizmente lhe descobriram o paradeiro, num altar da igreja da Vila Ocidental, hoje Vila Hayes.

Mas aí já venerada sob o título de Nossa Senhora das Vitórias !

Destruído o templo por violento incêndio, impossível de ser abafado com os parcos recursos de que se dispunham na época, foi a imagem retirada ao culto

público, por isso mesmo considerada impossível a sua restauração, deformada como ficou em conseqüência do sinistro.

A cabeça, quase inteiramente carbonizada, confiaram-na à senhora Andréa G. de Guerrero, que, por seu turno a ofertou à senhorinha Joaquina Machain. Mais tarde, por esta foi doada ao Dr. Manoel Dominguez.

Desta forma sumária e dolorosa teve fim o culto tradicional da imagem excelsa, que, sob as sucessivas invocações de *"Conceição"*, *"Assunção"* e *"Vitórias"*, *"há vivido todas las alternativas del pueblo paraguayo, desde el momento de llegaron a sus playas los primeros españoles, los poblaron, asentaron sus ciudades y las desarrollaron, hasta haber alcanzado su desarrollo actual"*.

* * *

Proclamada pelo povo e pela Cúria a nova Padroeira do Paraguai, continuou ainda sob a guarda da família Zavala, de cuja casa costumava ser conduzida processionalmente todos os anos à Catedral nas vésperas de 15 de agôsto.

Finda a novena em sua honra, era recambiada em triunfo ao solar dos detentores.

Em 1869, quando foi do exodo de Assunção, a senhora Machain de Haedo levou-a consigo para as Cordilheiras.

Achava-se nessa ocasião em Caacupé a famosa e célebre Lynch de Quatrefages.

Manifestou desejos a favorita de Francisco Solano

López de celebrar a festa da Assunção com a presença da Padroeira.

Mas, devidamente adornadas com tôdas as suas joias, adereços, colares e pertences.

Não houve como fugir ao imperativo...

Foi-lhe enviada a imagem...

A festa, entretanto, jamais se realizou...

Do paradeiro da relíquia tão pouco se teve daí por diante quaisquer indícios...

A aventureira, apossando-se criminosamente, sacrìlegamente, insaciàvelmente das gemas preciosas, sôbre as quais pousara os olhos de rapina, nem se lembrou de restituir à guardiã a estátua sagrada que lhe fôra confiada...

Tempos decorridos, finda a campanha contra o tirano, certa manhã, quando se procedia a limpesa dos altares da Catedral de Assunção, casualmente se encontrou, envolto num sudário negro, o busto da Virgem, algo deformado, mais ainda em condições de ser restaurado.

Avisado da descoberta fortuita, o Dr. Facundo Machain, sobrinho da senhora Haedo, reclamou-lhe a entrega.

Atendido, apressou-se em levá-lo à valetudinaria senhora, então residente em Rosário.

Logo depois apareceu em Humaitá uma das mãos da imagem.

A outra, encontraram-na no bairro de *"Ihená-rasa"*, nas cercanias de Assunção.

Só assim, obra do acaso, se conseguiu recompôr,

aliás com relativa facilidade, a imagem da Padroeira Nacional do Paraguai.

Apenas das joias, — diamantes, safiras, rubis, ametistas, — que lhe engrinaldavam a fronte, e lhe engalanavam o busto, e lhe adornavam as mãos, e lhe constelavam o manto, nunca mais se teve vaga, remota, longínqua notícia...

Certamente tinham ido acrescer o cabedal ilícito, arrancado aos haveres da Nação, espoliado aos bens particulares, constituído de extorsões, fraudes e crimes, com que o despota quis assegurar à concunbina predileta a sua subsistência futura no estrangeiro, uma vez terminado, pela vitória das armas aliadas, o fastígio da

* * *

Desde 1877, em virtude do pacto judiciário, celebrado entre o presidente Gill e a senhora de Haedo, e homologado pelos tribunais, ficou convencionado que a imagem da Padroeira passaria a ser considerada como *"bem patrimonial do povo paraguaio"*.

O Govêrno, em cláusula formal do acôrdo, reconheceu e proclamou *ad perpetuam rei memoriam* aos descendentes da detentora o direito ao título e ao cargo de *"Mayordoma de la Virgen"*.

Destarte, conciliados todos os interesses, a estátua veneranda continuou, como no passado, sob a guarda e responsabilidade da família Zavala, conservada no mesmo oratório, sôbre o mesmo altar, no interior da

mesma casa solarenga, situada no mesmo local, aonde outrora os primeiros colonizadores da terra, prosternados, contritos, cheios de fé iam levar à sua Protetora Celestial petições de graças e favores, de que só Ela é medianeira amorável junto ao Coração Sacratíssimo do seu Filho Divino!

A 15 de agôsto de cada ano, a cidade de Assunção, ornamenta-se garrida, festiva, alacre para a homenagem tradicional do povo à Padroeira da Nação Paraguaia.

Lópezguayos e Beverenistas

Desde quando o segundo Rio Branco tomou a ombros a tarefa hercúlea de anotar e comentar a monumental obra de L. Schneider, — "*A guerra da Tríplice Aliança*", que o Estado-Maior dos escritores anti-brasileiros do Prata e do Paraguai se movimentou e mobilizou para a mais arrogante campanha de descrédito, que ainda se tem feito contra a nossa Pátria.

A obsessão derrotista dos historiadores sulinos sistemàticamente nega o heroísmo do nosso Exército e obscurece a atuação dos nossos estadistas no que concerne às guerras, em que o Brasil se viu empenhado, não para defender os interesses próprios, mas para vencer e destruir o poderio e a tirania dos despotas, que enxovalharam a honra, a dignidade e a civilização dos povos vizinhos ao nosso, vinculado pela tradição e pelo sangue peninsular.

O formidável trabalho de pesquisa histórica e reconstituição da verdade, a que se consagrara o glorioso chanceler, ficara, porém, incompleto. A morte colhera-o em meio à jornada benemérita. A outros competiria, desde quando se fechara o túmulo do "*Deus-Terminus*", das nossas fronteiras concluir a gigantesca incumbência, tão difícil quão patriótica, a que êle se impusera, nas escassas horas que lhe sobravam do insano labor de

orientar e dirigir a política internacional do Brasil.

Herdou-lhe o encargo oneroso o General Mário Barreto, brilhante oficial do nosso Exército, que se especializou, durante anos sucessivos de estudos, de investigações, de paciente exegese de velhos documentos esquecidos nos arquivos, nessa parte intrincada da nossa história.

Também nós achamos de organizar o nosso Estado-Maior, apto para enfrentar, em qualquer terreno, os ataques dos nossos adversários de além-Prata e além-Paraguai. O General em chefe dessa campanha silenciosa e diuturna de reivindicação histórica foi o Barão do Rio Branco, que, retificando erros, corrigindo informações, esclarecendo falhas, contestando afirmativas de Schneider, mal inspirado no testemunho suspeitíssimo de Thompson, deu o primeiro sinal de alarme, recrutando desde logo adeptos para arrostar os perigos da campanha subrepticia, tenás, insidiosa, que se ia alastrando pelo Continente, em desapreço dos nossos foros de coragem, patriotismo e lealdade. Seguiu-lhe as pègadas um pugilo de estudiosos, cujos nomes, com verdadeira admiração cívica, quero citar :

I — *Max Fleiuss,* que, vantajosamente refutando o General Tasso Fragoso, na brilhantíssima monografia sôbre "A Batalha do Passo do Rosário", demonstrou à luz de documentação irrefutável a galhardia com que o Exército Imperial se portou na hora angustiosa de Ituzaingó;

II — *Baptista Pereira,* cuja notabilíssima conferência *"Civilização contra Barbarie",* produziu nos ar-

raiais do derrotismo nacional os efeitos de um tiro de barragem, arrazando os últimos redutos do *"saudosismo paraguaio"*;

III — *Dionysio Cerqueira,* que, honrando o nome venerando de que é depositário, se constituiu permanente defensor das glórias e tradições que lìdimamente nos pertencem e foram conquistadas à custa de sangue e sacrifícios nos campos de batalha;

IV — *Gustavo Barroso,* o mais jovem dos titulares da Academia Brasileira, cuja atividade perquiridora se revela nos quatro últimos volumes publicados — "A Guerra do Lopes", "A Guerra do Flôres", "A Guerra do Rosas" e a "A Guerra do Vidéo", — e nos excelentes artigos doutrinários, estampados no "Correio da Manhã", daqui, e na "A Gazeta", de S. Paulo;

V — *General Mario Barretto,* autor do magnífico e erudito trabalho, em 2 tomos — "A Campanha López-guaya", — que é a mais completa refutação, que ainda se ofereceu às insídias brasilófobas.

Êste é o Estado-Maior, que teve por chefe o inolvidável Rio Branco.

Dos cinco nomes atrás apontados, a qual competirá a substituição efetiva do grande estrategista morto?

Ainda é cêdo para eleger o sucessor. Dia virá em que a escolha se fará por consenso universal...

* * *

Os Marechais da nova campanha contra o Brasil,

são: D. Juan O'Leary e o Tenente-Coronel Juan Beverina, aquêle paraguaio e êste argentino.

No volume intitulado *"El Mariscal Solano López"*, aparecido em 1926, reedita O'Leary às mesmas invencionices, insiste nas mesmas inverdades, reafirma as mesmas mentiras com que inçou as páginas do seu trabalho anterior, *"El libro de los heroes"*.

Tenho ambos à vista, relidos agora, depois de haver meditado os capítulos serenos e documentados dos dois tomos da obra monumental do Sr. Mário Barretto.

Não nego o valor literário dos livros de O'Leary. Mas não lhes reconheço, entretanto, autoridade moral nem significação histórica.

O escritor brasilófobo não passa de *"seródio redentor daquele odioso réprobo, que reduziu o Paraguai à ruína e fêz periclitar por um quase lustro o destino de três povos"*, na frase feliz de Carlos Dias Fernandes!

O'Leary tem sido o moderno arauto do *"lópizmo"*, cuja faina primacial objetiva a meta de transformar, embora solapando a verdade histórica, a figura execranda do tirano, que foi o ditador Francisco Solano López, em tipo de virtudes patrióticas, *"expoente máximo das virís qualidades de um povo pundonoroso e marcial"*.

Para atingir a êsse desideratum, o escritor paraguaio não se peja de denegrir as glórias brasileiras, de obscurecer os feitos galhardos e heróicos das armas imperiais, de reduzir de vulto a atuação dos estadistas que colaboraram ao lado de Pedro II na obra de pacificação da América do Sul, de infamar até a memória dos nossos

maiores cabos de guerra, tais como Caxias, Osório e Conde d'Eu.

O General Mário Barretto, depois de haver pacientemente compulsado o precioso arquivo do Ditador paraguaio, — apressado pelas nossas fôrças desde a fuga vergonhosa de Humaitá até à execução sumária em Cerro-Corá, — se dispôs ao trabalho exaustivo, mas verdadeiramente patriótico e benemérito, de respigar um por um os falsos conceitos emitidos por D. Juan O'Leary, demonstrando, de modo irrefutável e inconteste, a fúria brasilófoba e a má fé calva do nosso gratuito detrator.

O Tenente-Coronel argentino D. Juan Beverina também se caracteriza pela sua sistemática animadversão contra o Brasil.

Os 4 volumes da sua *"Guerra del Paraguay"* são um amontoado de acusações, de falsidade, de monstruosas mentiras em desabono da participação do Império na campanha contra o despota paraguaio.

Obra de análise técnica dos movimentos militares, parcial na exposição da matéria, tendenciosa nos seus comentários, anti-brasileira, na sua finalidade, baldadamente procura provar que à Argentina cabe a glória máxima de haver derrubado do seu trono de crimes, de ignominias, de barbarie o último tirano, que enxovalhou a civilização latino-americana.

Ao Brasil, no conceito de Beverina, competiu o papel secundaríssimo de auxiliar.

Incoerente e mentiroso, o historiador argentino tomou por diretriz, no seu trabalho, o ponto de vista

errôneo de Mitre, cuja preocupação foi sempre a de baralhar e confundir os planos dos chefes militares do Brasil.

O Sr. Gustavo Barroso reservou para si a missão de esvurmar e galvanizar a obsessão beverenista, havendo evidenciado, numa série magistral de artigos as patranhas com que o oficial portenho pretendeu ferir os nossos melindres e ofuscar os nossos feitos militares.

Para enfrentar o *"lópezguayismo"* aí está a capacidade marcial do Sr. Mário Barretto.

Contra o *"beverenismo"* apresentou-se desde o primeiro instante no campo raso da batalha, armado cavaleiro, a figura varonil do Sr. Gustavo Barroso.

* * *

O patronimico *"lópezguayo"*, de que se serve o General Mário Barretto para qualificar os exaltados adeptos do culto de López, daqueles apologistas extremados que tributam maior estima à memória do monstruoso ditador, relegando a plano inferior a devoção devida à própria pátria, foi criado pelo publicista paraguaio, falecido em 1926, Dr. Arturo Rebaudi, autor da obra, editada em 1917, — "La conspiración contra S. Ex. el Presidente della Republica Señor Mariscal Francisco Solano López".

Em dois grupos dividem-se os escritores paraguaios, que pretendem a reabilitação do despota : — *"os lópiztas"*, moderados nas suas aspirações e inócuos nos seus processos, pôsto que sinceros no ponto de vista, em que

se colocaram, e os *"lópezguayos, espíritos versateis, exibicionistas, falhos de critério, sem educação intelectual em sua grande maioria, buscando no panfleto, no palão e nas flores de retórica impressionar o grande público, mascarando a verdade que não fundamenta a sua causa ingrata, quando não recorrendo à violência como argumentos contra os que não são do seu credo ou combatem a deificação do carrasco de sua pátria"*.

A campanha lópezguaya, agressiva, intolerante, refalsada, coloca a pessoa do tirano acima da pátria, e, por isso mesmo, encampa todos os ódios contra os estrangeiros que ajudaram a destruir o poderio de López II, em especial o brasileiro, que foi o herói e o mártir de tôda a tragédia da Tríplice Aliança.

Para os "lópezguayos", o seu ídolo é maior, nas virtudes, no heroísmo, na sabedoria de governar, do que Bolivar, San Martin, Belgrano, Sucre, Pedro I, José Bonifácio e outros super-homens, que cimentaram a independência, a liberdade dos povos latino-americanos.

O infatigável estudioso, que é o Sr. Mário Barretto, resolveu enfrentar o "leader" do movimento lópezguayo contemporâneo, D. Juan O'Leary, cuja obra analisou nos dois alentados volumes, que tenho à vista.

* * *

No primeiro, editado em 1928, traça o plano geral do trabalho, e em seguida estuda e examina o problema escravocrata no Paraguai para depois tirar conclusões à luz da lição dos arquivos.

Segue-se aos três longos capítulos do 1.º tomo um preciosíssimo apêndice, em que figuram 54 documentos, dos quais 34 em "fac-simile" fotografado, sendo 4 originais do Ditador D. Francisco Solano López, 1 do seu Vice-Presidente D. Francisco Sanchez e 1 de Estigarribia, o rendido de Uruguaiana. 34 fotografias ilustram o texto.

No segundo, aparecido em 1929, ocupa-se da sugestiva tese *"as inquietações nacionais paraguaias"* acompanhada de um apêndice contendo 5 cartas, em fac-simile fotografado, de Francisco Solano López, 8 de Alfredo de Graty, 1 de Luiz Rufo Caminos, 1 de Abelino Cabral, 2 do Ministro José Berges, 2 de Francisco A. de Acha, 1 de Cândido Barreiro, 1 nota do Ministro Charles Washburn, 1 do Visconde de Itaborahy, 1 parte de Juan José Venega, 1 de Pedro Duarte, 1 do pilôto José Israel Alves Guimarães, além de 23 gravuras raras e interessantíssimas.

* * *

Um dos capítulos mais empolgantes da eruditíssima obra do General Mário Barretto é o que se refere ao problema da escravidão no Paraguai.

O'Leary e seus partidários, com o intento preconcebido de aviltar o Brasil, exaltando, em conseqüência, a personalidade execranda de López, usam seguidamente e sem o menor escrúpulo abusam da expressão pejorativa — *Império escravocrata* — quando se referem ao nosso país, ao passo que se embandeiram em arco, glori-

ficando a *livre* República do Paraguai, tôda a vez que se lhes afigura oportuno estabelecer um cotejo de má fé entre as instituições vigentes no Brasil, ao tempo da guerra contra o despota sanguinário de Assunção, e as fórmulas *ridìculamente democráticas* que no Paraguai implantara a dinastia dos famigerados caudilhos lópiztas.

Mas a verdade cristalina, que ninguém documentadamente pode negar, nem a filaucia de O'Leary, e muito menos o ódio de Beverina, é que *"do mesmo modo que no Brasil, também na pátria hispano-guaraní, existiam escravos ao tempo da guerra da tríplice-aliança"*.

O próprio Estado paraguaio era, por essa época, proprietário de inúmeros escravos, havendo de uma feita Solano López adquirido uma leva dêles, que pertencia à Fazenda Pública.

Quem aboliu a escravidão no Paraguai foi o Conde d'Eu, como demonstra o ofício que lhe dirigiu em 2 de outubro de 1869, o govêrno provisório da República, participando-lhe a promulgação do decreto, que a extinguia de vez em todo o território do país :

"Os membros do govêrno provisório não puderam deixar de ficar vivamente comovidos ao tomar conhecimento do conteúdo da apreciável nota de V. A., datada de 12 de setembro último. Tomando-a em consideração resolveram expedir o decreto que a esta junto por ter-me sido recomendado que, como encarregado do Departamento das Relações Exteriores, em minha resposta a V. A., explicasse as circunstâncias em que o govêrno provisório determinou assinalar êsse ato da sua administração. Ao cumprir tão grato dever, venho pressuroso de-

clarar que V. A. não poderia se dirigir ao govêrno provisório com objetivo mais acorde com os seus princípios e conforme os sentimentos unânimes dos membros que o compõem, pois êles já se preocupavam de levar a têrmo a liberdade dos escravos, quando a nota de V. A., veiu dar corpo a essa idéia e apressar a sua execução."

* * *

Muito longe teria de ir, extravasando os limites dêste rodapé, se pretendesse acompanhar *pari-passu* a magnífica dissertação do eminente historiador brasileiro.

Devem ler e meditar capítulo por capítulo dêsse exaustivo trabalho, que veiu règiamente opulentar o patrimônio histórico nacional, todos quantos se interessam pelas coisas referentes ao nosso passado, maximé aquêles que, de boa fé e ingênuamente, se deixaram envenenar, abeberados com as patranhas e as falsidades dos sicofantas lópezguayos e beverenistas, e se dispuseram, embriagados por um capitoso lirismo internacional, a propugnar, da tribuna, da imprensa, das academias e do parlamento, a idéia esdrúxula de um completo olvido de tudo quanto ocorreu de 1864 a 1870.

Não quero formular acusações contra nenhum escritor brasileiro, pois estou convencido de que todos êles depois da publicação dos dois explêndidos volumes da lavra do General Mário Barretto, se compenetraram do êrro gravíssimo, em que incidiram, — êrro cuja reincidência só poderia ser classificada na órbita dos crimes de lesa-patriotismo.

O *"lópezguaysmo"*, de que D. Juan O'Leary é chefe incontestável e incontestado, que prossiga na sua faina inglória de exaltar, canonizar e deificar a personalidade sanguinária e odiosa do reprobo paraguaio, falsificando, adulterando, mentindo, infamando tudo quanto o Brasil ofereceu nos campos de batalha em benefício da paz e da confraternização sul-continental.

Os efeitos malignos dessa campanha mendaz estão sendo combatidos pela pena fulgurante do ilustre historiador General Mário Barretto.

O *"beverenismo"*, cujo *leader* supremo é o Tenente-Coronel D. Juan Beverina, que se não desalente no meio da jornada de mentiras e falsidades, que encetou, com o fito único de furtar ao Brasil para atribuir à Argentina tôdas as glórias da diplomacia da Tríplice-Aliança e todos os feitos de armas com que o Exército Imperial se imortalizou nos campos de batalha.

O Sr. Gustavo Barroso não o perderá de vista.

Sentinela do nosso passado, o historiador-acadêmico não deixará jamais de mão o patranheiro de além-Prata.

E secundando a ação dos dois valentes seguidores das diretrizes históricas de Rio Branco, aí estão para estudar, delinear e resolver os planos de combate para refregas futuras os destemidos oficiais do Estado-Maior do inolvidável chanceler : — Max Fleiuss, Baptista Pereira, Dionysio Cerqueira e outros cabos de guerra que irão, aos poucos, formando na linha de frente, na testada, para a grande batalha final...

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

Arturo Ribaudi :

a) La Conspiración contra S. E. el Presidente de la Republica Senor Mariscal Don Francisco Solano López — 1917.
b) El Lopizmo — 1923.
c) Un tirano de Sudamérica — 1925.

Juan E. O'Leary :

a) Nuestra Epopeya — 1919.
b) El Libro de los Héroes — 1922.
c) El Centauro de Ibicui — 1929.

Cecilio Báez :

a) La tirania en el Paraguay — 1903.
b) Cuadros historicos y descriptivos — 1913.

Coronel Juan Crisóstomo Centurión :

a) Memorias ó sea Reminiscencias historicas sobre la Guerra del Paraguay — 1894, 1897 e 1901.

Juan Silvano de Godoy :

a) Documentos históricos: El fusilamiento del Obispo Palacios y los Tribunales de Sangre de San Fernando — 1916.

Fidel Maíz :

a) Etapas de mi vida — 1919.
b) Desagravio — 1916.

Héctor F. Découd :

a) Sobre los escombros de la Guerra — 1925.
b) La Masacre de Concepción — 1926.

Cardus Huerta :

a) Arado, pluma y espada — 1911.

Manoel Dominguez :

a) Causas del Heroismo Paraguayo — 1903.

Blas Garay :

a) Independencia del Paraguay — 1906.

J. Natalicio Gonzalez :

a) Solano López — 1919.

B. Capdevielle :

a) Historia del Paraguay — 1927.

Juan F. Perez :

a) Confraternidad argentino-paraguaya — 1928.

Duchesne Bellecourt :

a) La Guerre du Paraguay (Revue des Deux Mondes, 15 Septembre, 1866).

General Mac Mahon :

a) The war in Paraguay (Harper's New Monthly Magazine — April 1870).

Xavier Raymond :

a) López et la Guerre du Paraguay (Revue des Deux Mondes — 5 Février, 1870).

Jorge Frederico Masterman :

a) Siete anos de aventuras en el Paraguay.

L. Schneider :

a) A Guerra da Tríplice Aliança contra o Govêrno da República do Paraguai, traduzido por Manoel Thomaz Alves Nogueira e anotado por J. M. da Silva Paranhos (Barão do Rio Branco) — 1902.

Jorge Thompson :

a) La Guerra del Paraguay — 1910.

Charles A. Washburn :

a) The History of Paraguay — 1871.

La Imagen Patrona de la Assuncion — 1917.

El Mariscal López en la Camara de Diputados
(Una Sesión historica, en 31 de agôsto de 1926).

Junta Patriótica :

a) El Mariscal Francisco Solano López — 1926.

Papeles del Tirano del Paraguay
(Tomados por los aliados en el asalto de 27 de diciembro de 1868) — 1869.

José Bernardino Bormann :

a) História da Guerra do Paraguai — 1897.

Juan Beverina :

a) La Guerra del Paraguay.

Manuel Dominguez :

a) El Alma de la Raza — 1918.

Luiz Alberto Herrera :

a) El Drama de 65 — 1926.

El Tirano Francisco López arrojado de las escuelas
(Publicação oficial do Govêrno paraguaio) — 1898.

Francisco Isidoro Resquin :

a) Datos historicos de la Guerra del Paraguay con la Triplice Alianza — 1895.

Dionysio Cerqueira :

a) Reminiscências da Campanha do Paraguai — 1910.

Lindolfo Collor :

a) No centenário de Solano López — 1926.

Souza Docca :

a) Causas da Guerra contra o Paraguai — 1919.

Theodoro Fix :

a) Hístória da Guerra do Paraguai (Trad. de A. J. Fernandes dos Reis).

E. C. Jourdan :

a) Guerra do Paraguai — 1890.

Marechal Visconde de Maracajú :

a) Campanha do Paraguai (1867 a 1868) — 1924.

Manuel Galvez :

a) Jornadas de Agonia (Tradução de Gonçalo Moniz) — 1931.

General Mário Barretto :

a) A Campanha Lópezguaya — 1928 e 1929 (3 vols.)

Gustavo Barroso :

a) A Guerra do López — 1929.
b) A Guerra do Flores — 1929.
c) A Guerra do Rosas — 1929.
d) A Guerra do Videu — 1930.
e) A Guerra de Artigas — 1930.
f) O Brasil em face do Prata — 1931.

Lemos Brito :

a) Solano López e a Guerra do Paraguai.

Carlos Pereyra :

a) Francisco Solano López y la guerra del Paraguay.

Octaviano Pereira de Souza :

a) A Guerra do Paraguai.

Visconde de Taunay :

a) Retirada da Laguna.
b) Cartas da Campanha.
c) Diário do Exército.
d) Recordações de guerra e de viagem.

Velho da Silva :

a) Homens e fatos da História Pátria.

Baptista Pereira :

a) Civilização contra barbárie.

Padre Raphael M. Galanti :

a) História do Brasil (5 vols.).

CENTRO CULTURAL
"Prudente de Morais"
PIRACICABA — SP.

ÍNDICE

ÍNDICE

Prefácio 9

Francisco Solano López 13

Panchita, — "la heroina de su honor" 21

D.ª Juana Carrillo 33

O julgamento de Venancio 41

Benigno, o mártir 51

A influência da Lynch 59

Toro Pichai 69

Fidel Maíz 81

O episódio de Cerro-Corá 89

A Padroeira de Assunção 99

Lópezguayos e Beverenistas 111

Bibliografia 123